



## Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmiento

### **VESTIO LONIECO E OS ARGONAUTAS.**

ARAÚJO, Ilídio Alves de

Ano: 1999 | Número: 109a

---

#### **Como citar este documento:**

ARAÚJO, Ilídio Alves de, Vestio Lonieco e os Argonautas. *Revista de Guimarães*, Volume especial - Actas do Congresso de Proto-História Europeia, 1999, p. 223-261.

---

Casa de Sarmiento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmiento, 51  
4800-432 Guimarães  
E-mail: [geral@csarmiento.uminho.pt](mailto:geral@csarmiento.uminho.pt)  
URL: [www.csarmiento.uminho.pt](http://www.csarmiento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.  
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

# Vestio Lonieco e os Argonautas

Ilídio Alves de Araújo

Revista de Guimarães, Volume Especial, I, Guimarães, 1999, p. 223-261

A apresentação neste Congresso do ensaio que se segue -e que, representando uma visão primária, se destinava a permanecer na gaveta para periodicamente ir recebendo sucessivas revisões e ajustamentos- foi a forma que se me proporcionou de render a minha homenagem à memória de Francisco Martins Sarmiento, cuja cultura e perspicácia me conquistaram, desde a minha recuada adolescência, uma admiração que tem vindo sempre a crescer à medida que os anos passam sobre os seus trabalhos e sobre as congeminações produzidas por muitos outros vindos depois dele. Sentir-me-ei recompensado do meu atrevimento se as incongruências (com verdades inquestionáveis) que nele existam, merecerem a honra de justos correctivos.

## 1 - Introdução

Existem no Museo Provincial de Pontevedra duas aras recolhidas próximo de Lourizan, com inscrições votivas dedicadas uma a *Deo Vestio Lonico* e outra a *Deo Vestio Alonieco*, isto é, ao deus Vestio dos Longos (1). Porque sou natural de um território onde a abundância de vestígios de culto a Longo (patriarca eponímico daqueles) faz presumir que tenha sido povoado por gente desse antigo clã, a natural curiosidade sobre as nossas origens foi-me arrastando, a partir de vários indícios, para um encadeado de especulações e correlações, na busca (algo persistente) de uma explicação para a presença desse culto; mas de uma explicação que tivesse alguma verosimilhança em face dos conhecimentos já adquiridos sobre as épocas a que tais indícios podem ser atribuídos.

A formulação de hipóteses interpretativas de um conjunto de dados arqueológicos respeitantes a épocas muito recuadas, embora se compare a caminhar às apalpadelas no escuro, é o único processo que temos de nos aproximarmos de uma explicação minimamente credível para a origem das gentes que em épocas pre- e proto-históricas nos precederam no território que hoje ocupamos.

O quadro interpretativo que a seguir apresento, e que se projecta numa fase que eu me permito classificar de proto-histórica (integrando nessa fase -por razões que só mais tarde serão compreensíveis- as culturas mesolíticas da bacia mediterrânica) é construído com fragmentos de muito diversa natureza, recolhidos de locais e épocas muito diferentes, e é obviamente muito aleatório, denunciando necessariamente as minhas insuficiências, designadamente em domínios fundamentais da Linguística e da Filologia, para não falar das dificuldades de acesso a uma infinidade de estudos relacionáveis com os domínios aqui abordados, e cujo conhecimento poderia alterar as deduções e interpretações aqui apresentadas. Ele conduziu-me, porém, à corroboração da tese apresentada há mais de 120 anos por Martins Sarmiento, segundo a qual os Argonautas não eram gregos, mas sim oriundos das antigas cidades marítimas da costa Síria, que os gregos conheciam por fenícias. Com efeito, a minha conclusão é que eles eram cananeus, ou seja, naturais de Canaan (=Terra de Caná), conforme esta é demarcada (com limites algo flutuantes) no capítulo 10º do Genesis, no cap.º 34º do Números e no cap.º 1º das Crónicas Bíblicas), pertencendo-lhes cerca de metade daquela costa síria.

A essa Terra assim demarcada correspondeu, na transição do II para o I milénio a.C., uma confederação de anficionias ou tribos, que talvez tenha sido cimentada pelos invasores «luvitas» dos fins do século XII, pois destes proviria a classe sacerdotal dos *levitas*, disseminada pelo seio das doze tribos congregadas no reino de David e Salomão. Mas nos séculos anteriores os habitantes desse território, pertencentes a dezenas de etnias diferentes e oriundas de regiões que iam desde o Atlântico ao Turquestão, estavam organizadas em centenas de pequenos reinos ou principados, às vezes independentes, mas quase sempre subordinados aos impérios vizinhos do vale do Nilo e da Mesopotâmia.

Usarei aqui a designação «cananeu» com o significado etimológico de «natural de Canaan», que também lhe é dado no cap.º 10º do Genesis - portanto como nome pátrio, e não como etnónimo, ... porque tenho necessidade de restringir esta qualificação aos designativos que identifiquem um longo processo de homogeneização e individualização antropológica e cultural, traduzido geralmente pela afirmação de um mítico antepassado comum das gentes portadoras dessa designação. É que noutros passos bíblicos o vocábulo *chananaeu* é usado como etnónimo, para se referir restritamente a um povo que vivia na Samaria a par de pharyseus, refains e amorreus, e que muito provavelmente foi esse povo o que deu aso a que, em certa época, todo o território desde Sídon ao rio do Egipto, e do mar mediterrâneo ao deserto transjordano, fosse designado por Canaan ou Terra de Caná. Tal povo -que teria o seu centro cívico em Caná (nome que também era dado ao ribeiro que separava as tribos de Efrain e Menassés)- seria aquele a que no cap.º 5º do Genesis (aparentemente recolhido da tradição heteia) é

dado Cainan por patriarca, mas que no cap.º 4º (recolhido provavelmente da tradição idumeia) tem o nome de Tubal-Cain, indiciando portanto uma frátria de lícios e cains ou quineus.

Nos capítulos 7º a 10º do Genesis (aparentemente recolhidos da tradição eneia) é atribuído a todo aquele território o epónimo corográfico Cam (aí dito «pai» de Canaan) e nele se incluem sidónios, heteus, jubuseus, amorreus, gírgaseus, heveus, arqueus, sineus, arvadeus, zemareus e amateus. No cap.º 15º (de aparente origem aramaica) mencionam-se em território com a mesma designação de Canaan: queneus, queneseus, cadmoneus, heteos, pereseus, refains, amorreus, *cananeus*, gírgaseus e jebuseus, aparecendo nesta lista designados como cananeus apenas os que suponho serem os «filhos» de Cainan ou Tubal-Cain. Porque me parece que a designação de cains ou cainitas, bem como a de calebitas, se refere geralmente a esta frátria e não aos seus antepassados quineus, referir-me-ei a ela como caineus ou cainitas, considerando que cananeus são todos os naturais de Canaan.

Noutros textos, dispersos pelos vários livros do Hexateuco assinalam-se em Canaan povos mais antigos como sejam os enaqueus, emeus, horeus, suseus, samsumeus ou heleus, e de forma implícita bैसेus ou basteus (se é que estes não são os refains). As lendas míticas recolhidas na Grécia referem-se também a grupos étnicos que terão vivido em Canaan em tempos muito anteriores à invasão de Canaan pelos luvitas.

Confusão idêntica à que suscita a designação de cananeu penso que ocorre com o uso da designação de «hebreu», que se terá aplicado inicialmente aos moradores da cidade de Hebron -os quais eram «filhos» do quineu Heber- mas passou a designar -independentemente do clã ou origem étnica de cada um- todos os naturais do reino de David, quando este teve a sua capital naquela cidade. Embora alguns autores falem da invasão da Palestina por cananeus e hebreus, ainda não deparei com argumentos convincentes da existência desses povos fora da interpretação que dou a essas denominações, e é neste pressuposto que as uso.

## 2 - Os Longos

Os Longos ou *Lynkos* (=liuncos) referidos, de modo implícito, nas duas inscrições de Pontevedra, eram aquele povo de Entre-Douro-e-Minho a que Ptolomeu chamou *Luancos*, e que seriam irmãos dos que, com o nome de *Lyngos*, o mesmo autor assinala no convento jurídico de Asturica, e que seriam os habitantes do Planalto Mirandês onde se congregavam à volta dos seus vários «penedos do Gato» e do centro cívico de Pelontio (ou Palontio) - correspondente talvez ao ópido hoje designado Palaçoulo (situado entre Miranda e Mogadouro) e que ainda no século VI seria o centro cívico do *pagus* ou terra de Palantucio referido no Paroquial Suévico.

Em meu entender esse convento jurídico abrangia também o território entre o Sabor e o Douro, e nele, além dos *Lyngos*, viviam também os *Orneacos* (com o ópido de

Intercatia), os quais se designariam assim por terem adoptado como totem o «orno» ou «freixo do maná» (*Fraxinus ornus*) -árvore de que se obtém o maná medicinal fazendo-lhe uma incisão na casca, e que pode ter existido espontânea na Barca de Alva, porque aí existe um pequeno enclave da formação vegetal de que aquela é uma espécie «companheira»

O Freixo de Espada-Cinta, ou cingida, sugere-nos o mito de Adonis, cujo pai o fez vir à luz com um golpe de espada no tronco da árvore (*Balsamodendron myrrha*) em que sua mãe fora metamorfoseada estando já grávida. No mito (de origem idumeia?) levado para a Grécia a árvore associada ao culto de Adonis era a myrra do deserto da Arábia. -Será que no Douro Superior existiu o culto de Adonis e, na falta da árvore da mirra, se lhe associou o orno ou freixo do maná, cujo produto se obtém por processo idêntico ao da mirra?

Os Longos eram um povo cujo patriarca eponímico ficou registado na Mitologia grega com o nome de Lynko e com o ápodo etnonímico de (o) Linceu. A denominação de Longos ou Linceus resulta, presumivelmente, de, na fase da sua individualização étnica (atribuível à idade cultural mesolítica) se identificarem com o lince, talvez por, como o lince (asiático?), terem encontrado na caça de caprinos a sua principal forma de subsistência.

Entre nós, os vestígios da sua presença são constituídos em primeiro lugar pela existência de altários e outras estruturas, tradições ou elementos toponímicos reveladores de antigo culto a Longo, seu patriarca eponímico. Mas, uma estreita correlação das áreas de distribuição desses vestígios com zonas das nossas paisagens com determinadas características ecológicas e culturais fornece algumas pistas para uma melhor caracterização desse povo. Assim são detectáveis:

- a) uma certa preferência dos devotos de Longo -no Noroeste peninsular- por planaltos e esplanadas atlânticos entre os 600 e os 900m de altitude;
- b) uma notória coincidência com as áreas de distribuição do topónimo Lamas -que também existia na antiga Judeia, e parece possuir a mesma raiz (frequente no assírio-babilónico) dos nomes cananeus Lamo, Lamia e Lamech- este, «pai» de Noé e Tubal-Cain na terra de Zila (ou Sila), e de Jou-bal e Ja-bal na terra de Ada (Yda?) em Canaan;
- c) coincidência também -tanto quanto me tem sido dado perceber- com a área de distribuição dos nossos mais antigos túmulos megalíticos;
- d) A presença dos Longos anda também associada a áreas onde o pastoreio de rebanhos de cabras terá sido durante milénios o principal suporte económico das respectivas populações.

São exemplo do que acabo de dizer: o Planalto da Lameira ou de Monte Longo nas cabeceiras do rio Vizela, a serra da Falperra e do Carvalho (no centro das antigas Terras de Sande e Pedralva), a serra da Aboboreira, a serra do Soajo, o planalto da Boalhosa, a serra da Nave, serra da Freita, o planalto mirandês e algumas outras.

Alguns estudiosos tentaram relacionar a área de distribuição do topónimo Lamas e dos túmulos megalíticos com a dos Lígures (frátria de Lícios

e horeus?), mas esbarraram com discordâncias que parece não se depararem, porém, na comparação com as áreas dos Longos ou Linceus, o que me leva a crer que estes sejam os responsáveis pela colonização neolítica destas áreas montanhosas. Esta parece ser, aliás, a mais antiga (da fase post-glaciar) denunciada até hoje por achados arqueológicos fora da estreita faixa litoral contígua às rias galegas e aos estuários dos rios interdurimnenses, onde os grouios ou gróvios, referidos por alguns autores antigos, talvez fossem os descendentes dos habitantes mesolíticos aí denunciados por determinado tipo de espólio.

Os Linceus encontram-se referenciados na Literatura oral, recolhida por antigos escritores gregos e latinos, em duas áreas do Próximo Oriente:

- a) nas zonas altas de Canaan -onde Linceu é referido como um dos 50 «filhos» (entenda-se «súbditos» ou protectorados) do Egipto: aquele que «casou» ou se ligou a Hipermnestra (uma das 50 filhas de Dan ou Danau). Hipermnestra é o epónimo de uma região que corresponderá aproximadamente à zona montanhosa da Judeia- numa época, portanto, em que os Danaus dominariam em Canaan e em que, na região que mais tarde se denominou Samaria, a cidade de Hilo ou Silo ainda se denominava Dardânia (talvez por ter sido fundada ou habitada por uma frátria de Dórios e Danaus (os primeiros, assinalados na falda meridional do Monte Carmelo, e os segundos pela tribo cananeia de Dan). São estes Linceus da Judeia os que também estão representados na epopeia alegórica dos Argonautas, onde ao seu epónimo é atribuído o papel de vigilante, aproveitando a acuidade visual que devia possuir quem acreditava descender de um homem-lince **(3)**.

Como é sabido, estas montanhas da Palestina são uma das mais antigas áreas de disseminação de túmulos megalíticos, e um dos mais antigos textos bíblicos (o do Livro de Josué relativo à fixação dos Suseus na Cisjordânia, talvez no final do 1º quartel do sec. XVI a.C., depois da sua expulsão do Egipto) atribue a sua construção precisamente aos Enaquins, Enaqueus ou «filhos» de Enac -o Senhor Aco, ou Ba-Aco, patriarca eponímico dos cabeludos Aqueus da Ilíada. Ora tudo indica que esses aqueus eram os descendentes neolíticos dos linceus referidos na tradição cananeia (recolhida na Grécia) sobre as pretensões do Egipto na Síria meridional, onde os aqueus (ou enaqueus) continuavam a ocupar as mesmas áreas dos seus antepassados linceus;

- b) Uma outra área onde a tradição antiga conservou memória da presença dos Longos foi numa região da Scítia de cujo «rei» (mítico) Lynko se contava que não só rejeitara, como até ridicularizara e hostilizara Triptolemo -o cultivador de trigo- por quem Ceres lhe fizera chegar o conhecimento da cultura dos cereais. Esta referência -que nos ajudará a entender o significado de uma tradição que adiante referirei (a da «lavoura

dos cães e das cabras» na festa de S. Bartolomeu, em Monte Longo)- indica que os Linceus se mantiveram por largo tempo fieis à sua forma pastoril de sobrevivência, rejeitando as culturas arvenses a que recorriam alguns povos que, em certa altura, se foram e vieram estabelecer na sua vizinhança;

- c) Os Linceus estariam também presentes no vale do Nilo já no início do III milénio a.C., pois Dounâouy -«o que estende os seus dois braços»- parece ser epíteto de Lynko ou Longo, e no Livro dos Mortos encontram-se orações contra os espíritos do lince.

Este enquadramento cultural sugere que os linceus ibéricos tenham emigrado para o Ocidente mediterrânico a partir da Palestina; mas não se conhecendo indícios arqueológicos que permitam considerar os Linceus como originários das baixas montanhas da Judeia, se quisermos procurar a sua mais recuada origem deveremos começar por averiguar no mapa das estações mesolíticas já conhecidas, quais as que, numa carta ecológica da zona paleártica, se situam em ecossistemas naturais de que o lince e os caprinos façam parte, isto é, em zonas alpestres. Ora, das estações mesolíticas de que tenho referência, as que oferecem mais elevada probabilidade de terem constituído o solar dos Linceus (que começaram por ser caçadores e passaram a criadores, de cabras) serão as das montanhas do Kurdistão onde foi caracterizada a cultura que os arqueólogos identificam pelas estações de Karim Shahir (mesolítica) e Jarmo (neolítica) (4). É com o espólio desta que, apesar de escasso, parece apresentar maior semelhança o que tem sido recolhido das mamoaas e «fundos de cabanas» do Planalto de Monte Longo.

Daquela região asiática, situada na área de irradiação das línguas indoeuropeias, poderiam ter emigrado alguns linceus para a Síria meridional (situada esta no domínio das línguas camitas), e terem desenvolvido aí, em contacto com outros povos -designadamente com os Basteus e Pharyseus ou Persas (oriundos do domínio das línguas dravídicas no subcontinente indiano, e já presentes no Egipto no período Tinita) a tradição da inumação dos seus santos ou heróis em túmulos megalíticos. Daí a podiam ter trazido para o Noroeste Peninsular nos finais do V ou princípios do IV milénio a.C.. ... como parece indicarem as datações que vêm sendo atribuídas aos mais antigos desses túmulos entre nós.

Algumas das comunidades peninsulares de Longos parece terem conservado a sua identidade social até ao século passado, pois a individualização autárquica dos nossos antigos pequenos concelhos alicerçar-se-ia na identidade étnica dos seus primeiros ocupantes; e os de Monte Longo, Soalhães, das várias Longobrigas, bem como das antigas «terras» de Sande e de Miranda, alicerçar-se-iam em antigas comunidades de Longos ou Linceus.

É de crer que o herói invocado na chamada Fonte do Ídolo (em Braga) seja o mesmo Longo (ou Longuinho) para cujo culto os Longos de Sande (na vertente oposta da serra da Falperra) reservavam, na época romana, o produto de um campo -Agro Longo- perto da igreja de S.ta Cristina de Longos e do ópido de Sabroso.

Esse Longo foi depois identificado com o centurião romano que trespassou com a lança o peito de Cristo, e, continuando a ser venerado pelo seu povo, supôs-se que teria aderido ao cristianismo, tendo-lhe um seu devoto erigido em 1819 uma estátua equestre no santuário do Bom Jesus do Monte. O mesmo Longo (e não Tongo) seria o patrono da anfictionia sediada na estação arqueológica do Freixo (no limite do antigo concelho de Soalhães com o de Benviver).

Porque as três referências conhecidas ao presumido Tongo ocorrem em dois territórios onde está testemunhado toponimicamente o culto de Longo ou a vizinhança dos longos, e todas deixam em dúvida a leitura da consoante inicial daquele nome, não é mais sustentável a leitura Tongo. É, com efeito, o culto de Longo, e não o de um desconhecido Tongo, aquele que se encontra bem documentado na toponímia de várias regiões, e que inspira também as inscrições das aras de Lourizan e os vários outeiros, lameiros e agros de Longo ou Ba-Longo (>Valongo) em Monte Longo e noutras terras do Noroeste peninsular.

### **3 - Os Lyceus ou Lícios e a evolução cultural dos Longos**

Na antiga Gália e noutros territórios da Europa atlântica a tradição dos túmulos megalíticos parece ter penetrado só no III milénio a.C., e as áreas onde ela se manifesta parece coincidem com áreas de presença do culto de Lyco, Luco, Luc ou Lug, Loch, Loke... -que são diversas variantes do nome do patriarca mítico dos Lyceus ou Lícios (os homens-lobo)- e do de Lycina ou Lucina, padroeira feminina daquele, também perpetuada na nossa toponímia como Lobela ou Santinha, e na tradição cristã de algumas regiões como a antipática Dona Loba. Mas, naquelas regiões, encontra-se também, misturado com o culto de Lyco, o culto de Lung ou Lynko -o atrás referido patriarca dos Lynceus. Com efeito L. Charpentier refere como sendo atribuído a Lug, na Gália, o epíteto de «o do braço longo», ou «aquele cujos braços alcançam longe», epíteto ou atributo que na verdade pertence a Lynko e não a Lyco (o homem lobo), pois que o epíteto deste era o «veloz» ou «andarilho»- o *pernix Lycus* do poema de Avieno -característica herdada pelos lyceus do seu suposto antepassado homem-lobo ou Lubishomem. Em vista disso, é provável que locais como Langon, Luant, Louans, dados como dedicados a Lug, o tenham sido a Lynko ou Liungo; e também London derivará mais verosimilmente de Lungdunum do que Lugdunum (étimo de uma outra cidade gaulesa) (2).

No Noroeste Peninsular os cultos de Longo e Luco ou Lyco encontram-se vizinhando entre si, em áreas que correspondem a uma

expansão -na fase ou idade calcolítica- das áreas inicialmente povoadas pelos Lynceus. Será o caso dos antigos concelhos de Cabeceiras e Gestaço, na vizinhança do de Monte Longo. Isso sugere que os lícios, embora desenvolvendo actividades diferentes e explorando nichos ecológicos distintos dos dos Lynceus, tenham vindo situar-se, compreensivelmente, na vizinhança destes, e tenham desenvolvido com eles, no Noroeste e durante a fase calcolítica, uma cultura comum.

Existe uma ara com inscrição dedicada a Lyco (bel Lyco>Velugo) na Vila da Feira, mas o principal local de culto a Lyco na Lusitânia seria em S. Miguel da Mota (Alandroal) onde era invocado com os epítetos de *Enteos* («inspirado dos deuses») e *Bel* («Senhor») -Endo-vel-Lyco. O segundo epíteto -Bel- será o mais antigo e de origem assírio-babilónica (como em Veluco); o primeiro -que terá sido acrescentado mais tarde (Endo<enteos) será indo-europeu. Pelo menos uma das numerosas aras deste santuário (com figura de hemiplégico insculpida) parece apelar à condição de «manquinho» de Lyco-que ainda hoje se atribue ao Lobisomem.

Embora nalgumas das áreas referidas se conserve a tradição dos homens-lobo ou lobisomens, parece ser nelas mais notória a presença do culto da deusa Lícia (Lixa) ou Lucina (Luzia) representado tanto pela lenda da Dona Loba ou Lobela nos dois referidos concelhos, como pelo culto de Santa Senhorinha (com legendas comuns às de Leda e Leto ou Latona da antiga mitologia grega) no primeiro daqueles concelhos. Neste -Cabeceiras- o mito da Senhorinha Lobela (=Lobinha) -que era venerada no lugar a que ela comunicou o nome de Lobela- acabou por se transferir para a personagem (Genoveva Vizois) que perto daquele lugar erigira no século X a sua capela tumular; mas o culto de Lobela ou Lucina foi cristianizado e continuou no seu sítio primitivo, até ao século XVIII, sob a invocação de Santa Luzia.

Os Lícios aparecem no Noroeste peninsular e em algumas terras da Europa atlântica associados a áreas de antigas actividades mineiras e metalúrgicas (do cobre, ouro, prata e chumbo). A existência da estação calcolítica de Pepim, no antigo concelho de Gestaço, na margem esquerda do Tâmega, poderá ser explicada pela pesquisa de minérios nas areias depositadas no troço chão que esse rio apresenta imediatamente a jusante das confluências dos seus afluentes Olo e Santa Natália.

As circunstâncias que ficam referidas levam a admitir que Lyceus e Lynceus tenham participado na expansão da cultura do vaso campaniforme e dos túmulos megalíticos por varias regiões da Europa Ocidental.

Tal como os Lynceus com a caça de caprinos, também os Lyceus ou Lícios se terão identificado, durante a fase cultural mesolítica, com os lobos na caça de arietinos; e, por isso, as estações mesolíticas conhecidas que, pelo seu enquadramento ecológico, melhor se ajustam a tal forma de subsistência serão as das montanhas do Taurus (como a estação de Beldibi) na Ásia Menor, onde eles deram nome à região da Cilícia (com a estação neolítica de

Mersim), de onde poderão ter navegado para a ilha de Chipre, deixando aí a estação também neolítica de Kirokitia **(4)**.

Sendo a Anatólia o foco de irradiação das línguas indo-europeias, e presumindo-se que daí sejam oriundos os Lynceus e os Lyceus, tanto uns como outros falariam, muito provavelmente, línguas pertencentes a essa família linguística, ... como, aliás, os seus próprios etnónimos sugerem. A vinda posterior para a Península (durante o II milénio a.C.) de emigrantes com aculturação assírio-babilónica terá sido a responsável pela introdução do sufixo *tanus* (equivalente ao grego *eus*) na formação de alguns etnónimos peninsulares, e designadamente do etnónimo Lycitano (em vez de Lyceu ou Lycio), de que derivou o corónimo Lycitania (equivalente a Lycea), transformado pelos romanos em Lusitânia.

Dos primitivos lícios terá brotado na fase neolítica o clã ou tribo dos ariseus (ou homens-carneiro), assim denominados por se terem especializado no pastoreio, geralmente nómada, de arietinos, o que lhes poderá ter incutido a ideia de que a convivência milenar com essa espécie e o consumo persistente da sua carne lhes teria impregnado algo da «natureza» dela (por ex.º a coragem), justificando a sua identificação totemica com a mesma.

Os ariseus -que, ultrapassadas (na fase calcolítica) as concepções totémicas, passarão a atribuir a sua denominação ao facto de descenderem de um patriarca chamado *Aries* (>Ares)- aparecem no Egipto, já no início do III milénio a.C., integrados em várias frátrias, estabelecidas com clãs de outras etnias, nomeadamente com os horeus. É por isso de crer que, além da Suméria (onde se lhes deve a cultura de Acad) existissem clãs seus também por toda a Síria, muito antes, portanto, de o seu ramo arameu aí ter penetrado cerca de 1300 a.C., a invocar Aran ou Aron (variante de Ares) como seu patriarca (Ab-Aron>Abraon).

Aos primitivos pastores nómadas de arietinos, que começaram a circular com os seus rebanhos entre os planaltos da Arménia (país que parece dever o seu nome a uma frátria de Ariseus e Mínios) e as terras da Síria e do vale do Nilo -habitados aqueles por povos de língua indoeuropeia ou ariana e estas por povos de língua camita- poderá dever-se o aparecimento da primeira língua semita (documentada em Acad), como resultado da interferência de vocábulos e gramáticas das línguas dos vários povos (indo-europeus, camitas, dravidicos e turanianos) com que esses nómadas iam contactando alternadamente.

#### **4 - A vizinhança dos Dorieus ou Dórios e outros**

Há um outro povo que parece ter acompanhado os Longos e Lícios na expansão da cultura do Noroeste peninsular pela Europa, se é que Thor, Thur (e Donar) e os seus mitos são variantes fonéticas (e míticas?) do nosso Dor ou Hor -herói eponímico dos doreus ou horeus. A este povo pertenceriam os Horeus (homens-falcão) mencionados no Genesis e no Deuteronomio como

ocupantes da Idomeia, e cujo patriarca eponímico (Dor ou Horus) era considerado, no vale do Nilo, como «filho» de Isis e Osiris, tendo aí ocupado posição proeminente após a fase de domínio de Seth (o patriarca dos homens-burro -que viveriam da colheita de grãos da setária, painço ou dana, e seriam por isso os antepassados dos Danaus).

Os Doreus ou Dórios ocuparam também um pequeno território nas encostas meridionais do Monte Carmelo, na Samaria, e aí constituíram várias frátrias com outras etnias vizinhas, nomeadamente a dos dordanos (>dardanos) fundadores da cidade de Dardânia -que depois se chamou Troia. Da Samaria poderão ter emigrado ou fugido os dórios que no I milénio a.C. arribaram à Grécia.

Na antiga diocese de *Magnetum* (antecessora da do Porto) os dórios, húrrios ou dúrios estavam assinalados -pelo culto do seu epónimo- pelo menos nos antigos concelhos de Felgueiras e de Cabeç, imediatamente a Norte e a Sul dos longos e lícios. Presumo (baseado em razões que aqui não cabem) que os Horeus pretenceriam à família dos povos de língua camita -cuja área de expansão incluiria a Península Ibérica (a Sul dos Pirinéus)- e não seria de espantar que o seu solar se situasse nas margens do Douro Superior, ... se aí, ou nas vizinhanças, aparecerem vestígios comprovativos de povoamento durante a idade mesolítica. Platão refere-se, no Critias, ao «oricalco» como sendo um estranho minério explorado pelos atlantes, e «oricalco» parece significar «cobre (calcos) de Horu, ou dos horeus». Ocorrerá naturalmente perguntar se não se deverá aos húrrios, dúrios ou dórios o nome do ouro e se não teriam sido eles os descobridores da respectiva metalurgia.

Também os **Lígures** -que segundo os geógrafos antigos eram um dos principais povos da Europa a Ocidente dos Alpes- se o seu nome não engana, descenderiam de uma frátria de lícios e húrrios ou horeus (e seria Lycurgo o seu patriarca eponímico), o que reforça a hipótese da participação de horeus na expansão da cultura do vaso campaniforme para além dos Pirinéus, e a de Thor ser uma variante fonética de Dor ou Hor(o) (5).

Nesse caso, os Dórios não seriam, entre as etnias mencionadas nas antigas lendas do I milénio a.C., os únicos originários da Península Ibérica, pois tudo indica que também os Fineus -pescadores de sardinhas (como a águia pesqueira ou **fenes** -*Pandion haliaetus*- que estará na origem do nome de Vénus, heroína eponímica daqueles)- teriam o seu solar na área que vai de Sines ao cabo Sardo, e serão os antepassados dos que mais tarde foram conhecidos por Sardeus ou Sardos e povoaram a ilha de Sardenha, e, com outros «povos do mar», ameaçaram o Egipto no século XIII a.C., fixando-se alguns na Samaria. Foram eles que ensinaram aos argonautas a melhor via para chegarem ao «velo de ouro» ou, como diriam os portugueses de outros tempos, à «árvore das patacas».

Também os Merculeus ou Cempsos (<campso>gansos) cujo herói eponímico foi Mércules ou Hércules (alterado pelos gregos para Heracles) -

seriam originários do vale do Tejo (Tagus) onde, como o ganso (*Podiceps ruficollis*) ou mergulhão (<*mergulus*)- com que se identificaram -se dedicariam à pesca de tainhas (tagíneas)- o que explica o etnónimo neolítico de «Tageus» de um dos seus ramos fixado também na Samaria, e a veneração de Dag (<Tag) ou Dagon como seu patriarca eponímico. E os Filisteus, adoradores de Dagon, seriam provavelmente irmãos dos Tageus, se é que os dois etnónimos não são sinónimos.

Também os Atiseus -que trabalhavam de noite (como o mocho e a coruja) na pesca do atum, e cujo herói foi Attys (o at.Tiseu ou Zeus)- e Atena o seu paredro feminino - poderão ter tido o seu solar na Tunísia ou entre a foz do Guadalquivir e o Algarve, e deles descenderem os atuneus -«filhos» de Atoun- o manejador do tridente. De uma frátria tunisina de Nephreus e Atuneus terá emergido o Nephertun egípcio -arquetipo do Neptuno itálico, a que os gregos atribuíram o cognome de Poseidon.

Outros mais, que não vêm agora ao caso, terão certamente na Península o seu solar, pois que esta constituiu refúgio de vários clãs humanos na última fase glacial, os quais aqui viram posta à prova a sua capacidade de sobrevivência no período de alterações climáticas que se seguiu à glaciação de Wurm. Parece até provável que a designação de Atlantes acabasse por englobar o mosaico de povos do ocidente hispérico que na fase calcolítica projectaram a sua cultura até às regiões vizinhas do mar Crónio ou Mar do Norte **(3)**, tal como o nome de Calaios passou, no século I, de designação de uma pequena tribo da margem Norte do Douro, a designação de todos as tribos do Noroeste Peninsular.

### **5 - A origem do culto dos heróis eponímicos**

O facto de basear a identificação dos territórios de Longos e outros povos peninsulares na presença de indícios de locais de culto aos seus patriarcas e heróis eponímicos não significa que eles lhes prestassem culto antes do 2º quartel do II milénio a.C.

Segundo a Etnologia comparada a evolução dos sentimentos religiosos e das inerentes práticas mágicas ter-se-á processado por etapas sucessivas e só na idade do bronze se deparará com a divinização dos heróis eponímicos, surgidos apenas na idade calcolítica. Na nossa área cultural aquelas etapas terão sido as seguintes:

1ª As culturas do paleolítico superior eram animistas, respeitavam as energias dos outros elementos da Natureza e procuravam, com artes mágicas, cativá-las quando benéficas, exorcisá-las quando maléficas. Parece que se venerava já a memória de pessoas que em vida haviam manifestado faculdades ou poderes extraordinários, e que os seus corpos mortos, ou os locais da sua inumação, eram alvo de especial zelo. Venerariam, pois, a memória dos seus «santos» ou «heróis», como certamente exorcismavam os seus «demónios» **(6)**.

- 2<sup>a</sup> Nas culturas mesolíticas, em que os núcleos humanos se sedentizam em torno dos recursos de um determinado ecossistema natural (ou complexo de ecossistemas), eles tornam-se comensais de certos predadores naturais desses mesmos recursos e acabam por se considerarem «irmãos» de tais predadores, vindo assim a admitir a existência de um antepassado comum meio-homem, meio-bicho: homem-lince, homem-lobo, homem-cão, homem-burro, homem-falcão, ganso ou mergulhão, etc. Cada etnia acabaria por acreditar ter recebido da respectiva espécie totémica não apenas o nome, mas também algo da sua especial natureza: os linceus eram, como os linceus, «aqueles cujos olhos e cujos braços alcançam longe», os Lyceus eram como os lobos «andarilhos incansáveis», os Kyneus -caçadores de javalis como os chacais ou os cães selvagens- seriam os «batedores dos caminhos», etc.
- 3<sup>a</sup> Na etapa seguinte -de culturas neolíticas- aqueles clãs passam de caçadores e recolectores a criadores ou cultivadores e começam a identificar-se com a espécie com que convivem diariamente e que lhes fornece a parte fundamental da sua alimentação e, com esta, também algo da sua própria natureza. Ao mesmo tempo, os predadores com que antes se identificavam passam agora a ser indesejáveis rapinadores das suas criações ou culturas. Será nesta fase que aparecem então as denominações etnonímicas de aigeus, egeus ou aqueus, ariseus, phariseus, suseus ou jouseus, etc.
- 4<sup>a</sup> Com as migrações registadas no IV milénio a.C vêm a encontrar-se em algumas áreas -como no Crescente Fértil- clãs de diversa proveniência, e que falam línguas diferentes; alguns desses clãs são dominados por outros e acabam por adoptar o onomástico dos clãs dominadores. Mercê disso, a espécie totémica de um clã passa com frequência a ser conhecida por um nome diferente daquele que deu origem ao respectivo etnónimo, e o clã esquece que a cabra se chamava aigos e o carneiro Aries, ou o porco sus, e atribue então o facto de se designar por aqueu, ariseu, bashteu, ...ao facto de descender de um patriarca que se chamava, Lynko, Aco, Aries (>Ares), Sus ou Jou, ou de uma matriarca (se no clã prevalecia o sistema matriarcal): por ex.º Basht (leoa ou gata-parda?), Pharu (vaca)... Esta etapa da evolução das concepções sobre a origem dos clãs terá coincido no Próximo Oriente com a fase cultural calcolítica.
- 5<sup>a</sup> Numa etapa imediata cada clã começa a atribuir ao seu patriarca eponímico os feitos memoráveis dos seus anónimos antepassados, de modo que ele acaba por se tornar no mais importante dos seus santos ou heróis. Como os santos são aqueles homens ou mulheres cujo poder se prolonga para além da morte, o patriarca eponímico de cada clã vai sendo arvorado no santo ou herói protector do clã a que deu nome, e a memória do animal ou planta que esteve na origem desse nome conserva-se, por vezes, apenas como participante tradicional nas festas ou sacrifícios

celebrados em sua honra. Os feitos do clã, e os hábitos da espécie totémica, aparecem geralmente reflectidos na hagiografia mítica do respectivo patriarca.

Aconteceu paralelamente que a constituição de frátrias, resultantes de alianças por casamentos entre dois clãs diferentes, originou o aparecimento de clãs que descendiam por igual de dois patriarcas eponímicos distintos. Isso determinou a concepção de heróis híbridos ou geminados, como Lycmínio (de uma frátria de lycios e mínios), Agenor (de uma frátria de aigeus e horeus), Castor (de outra de cassitas e horeus), Lycurio ou Lycurgo (de lícios e hurios ou horeus), Minotauro (de mínios e taureus), Mercúrio (de Merguleus e horeus), etc (7).

- 6ª Numa fase que parece decorrer já no II milénio a.C. cada clã invoca cada vez mais o seu herói protector, esperando dele poderes cada vez mais vastos e maiores, e acaba por divinizá-los. Ao mesmo tempo, os heróis ou patriarcas dos clãs que acabam por dominar povos vizinhos são vistos também como aqueles que revelam maior poder, e acabam por serem aceites como protectores dos clãs dominados (e por fim assimilados). Foi assim que nos meados do II milénio a.C. se tornaram prominentes em Canaan: Baco com o poder dos aqueus; Jou (Jou pater ou Jou ba) com a ascensão dos youlos ou suseus de Josué; Zeus com a ascensão dos atiseus, heteus ou hititas; Ares (ou Abraão) com a dos Arameus; Hércules com a dos merguleus, Venus com a dos fineus, etc.

Da divinização dos heróis geminados surgiram logicamente deuses unitários resultantes da «combinação» de duas pessoas distintas, sem que no caso se visse qualquer mistério. As imagens de alguns apresentarão por vezes cabeças com duas faces, mas o mais vulgar foi esbater-se a memória da sua origem geminada. A nossa toponímia conserva ainda a memória de alguns desses pares de Gémeos, de que os mais frequentes parece serem os pálicos e os dióscoros, mas só por circunstâncias especiais associadas aos respectivos locais de culto se poderá distinguir qual a origem dos gémeos neles outrora venerados.

- 7ª No I milénio a.C. alguns filósofos começam a tentar racionalizar as concepções religiosas (de relação do Homem com a Natureza) que se tinham vindo a formar imaginativamente, e começa a ganhar cada vez mais adeptos a ideia de um deus único criador do Universo então conhecido.

## **6 - Os cultos da «Terra Madre», do Sol e do Fogo**

Segundo o esquema anterior, não encontraremos o culto de heróis eponímicos antes do III milénio a.C., embora houvesse um grande respeito, senão temor, perante «criaturas» real ou supostamente detentoras de certas energias naturais. Uma das mais «veneradas» dessas «criaturas» era a «terra-mãe» ou madre (a que os ingleses chamam *land*, e não a *earth*), isto é o *pagus* ou «país» de cada clã sedentarizado: quer essa terra-madre se

designasse pelo nome comum de *gea, gaia, hea ou rhea* (em línguas indo-europeias), quer por *hebe, gebe* ou *kebe* (em línguas camitas), por *tellu* (em língua semita), ou por *ana* ou *an* (em língua dravídica) -conforme os povos e as regiões. Quando aos heróis eponímicos se atribuiu forma humana, e muitos deles foram divinizados, e os homens se consideraram protegidos especialmente por alguns, também à *anima* de cada «terra» se ajustou a imagem de uma «Senhora» -a Senhora (da) Terra- invocada por qualquer dos nomes atrás referidos; e essa Senhora foi talvez a mais devotamente venerada e amada de todas as divindades, porque da sua benevolência ou fecundidade dependia a sobrevivência, a riqueza e o conforto dos seus «filhos». Sob essa invocação ainda hoje lhe é dedicada concorrida e festiva romaria a 15 de Agosto em Caíde de Rei.

O nome próprio de cada «Terra» deu, por vezes, origem à concepção de uma heroína eponímica dessa terra, como foram Hera ou Sara, Helena, Atena, Andrómeda, Fenina, Cassiopeia, ... correspondentes a diversas zonas de Canan, e algumas das quais foram também divinizadas.

#### Culto do Sol

Talvez já no IV milénio a.C. -e porventura na Tunísia- surgirá num clã de atiseus (homens-coruja), e com vocação ecuménica, o culto do Sol -que entre os povos que já então estavam representados no Crescente Fértil teve os nomes de Atoun, Rá, Hely, Samsun. Esse culto terá sido levado por emigrantes atiseus (ou atitas) para o Egito e para a Cólchida, de onde alastrou aos medos, (se é que estes «filhos» da «Serpente comedora de ovos» -originários talvez do deserto africano ou do Neguev, onde eram também conhecidos por madianitas, heveus, sepheus, ophieus- o não levaram já daí consigo para o Irão). Dos medos ou sepheus do Irão esse culto alastrou aos suseus e aos persas, vizinhos destes. Emigrantes e conquistadores suseus (os hicsos dos egípcios) oriundos da Susiana (que já se chamara também Caldeia e Calidon) levaram, cerca de 1730 a.C, ou no século XVI (depois de expulsos do Egito), o culto do «altíssimo» Hely para a Samaria, erigindo-lhe um templo na cidade de Tros (na região que desta derivara o seu nome de Tróssia ou Trácia e Troia) -cidade que a partir daí começaria a chamar-se também Hely, Hilo ou Silo, comunicando à região os corónimos Helyan ou Helena e Ilion.

A posse ou aliança dessa região foi disputada por vários vizinhos, (desde uma frátria de mínios e iolauus (ou youlos) estabelecida no que foi o território da anfictionia ou tribo de Menelau ou Menassés (parte cisjordana), aos pharyseus ou perseus da planície de Saron, Sara ou Hera, representados pelo seu herói eponímico Pharis ou Páris.

Naturalmente os habitantes de Helena -que nem todos seriam heleus (isto é, adoradores do Sol)- ficaram conhecidos por helenos, mas este vocábulo seria nome pátrio, e não etnónimo (como por vezes se vê tomado) **(3)**.

### O culto do Fogo e os seus crentes

Um outro elemento da Natureza que, pela importância da sua energia, conquistou especial culto de alguns povos, foi o lume ou fogo. Uma tradição antiga (conservada e recolhida na Grécia) referia, em discurso alegórico, que um «santo», a quem davam o nome, ou antes, o epíteto de **Prometeu** («o prudente»), teria tido artes de roubar ao Sol uma centelha de lume para o dar aos homens. Segundo a sua legenda, Zeus (o herói eponímico dos atiseus -adoradores do Sol), melindrado com aquela ousadia, amarrou o profanador ao monte Caucaso (ou Caucon) -que era um monte da Samaria (e não o homónimo sobranceiro à Arménia). Quem fosse esse santo ou herói não o diz a legenda tradicional, que o deixa oculto atrás daquele epíteto com o significado de «o prudente ou engenhoso».

Algumas circunstâncias do mito apontam contudo para **Lyco** como o provocador e vítima da represália de Zeus; e quem diz Lyco, quer dizer os lícios ou algum dos seus clãs, um dos quais se estabeleceu na Samaria. Como atrás disse, parece terem sido eles os primeiros metalúrgicos, e já se encontravam na Samaria quando no século XIV lá se foram fixar alguns atiseus ou heteus -filhos de Zeus. A legenda poderá significar que os lícios tinham alguma liderança na Samaria quando aí chegaram os heteus, e que estes lha terão ofuscado **(3)**.

Houve porém outro povo -os Kyneus- que também desde cedo se dedicou às artes do fogo. Os kyneus ou cúnios tinham por animal totémico o cão (kyno) ou o chacal, e o nome destes tornou-se no do seu patriarca eponímico Kyno ou Cain e Caleb, e talvez fossem originários da Cónia, na Ásia Menor, constituindo provavelmente um ramo diferenciado dos lícios, que em vez de se dedicar à caça de arietinos se tenha dedicado à caça de javalis (Jou ou sus) e depois -algum dos seus clãs- à sua criação, vindo por isso a denominar-se suseus ou youlos.

Aparentados com os quineus ou calebitas («filhos» de Kyno ou Caleb) -que já estariam presentes no vale inferior do Nilo no III milénio a.C., pois lhe corresponderá o Anubis ou o Khentamentiou egípcios (se é que este não é apenas um epíteto daquele)- seriam os caldeus que deram nome a Calidon ou Caldeia, e que seriam os antepassados dos suseus ou joulos que deram nome à Susiana, entre a Pérsia e a Mesopotâmia.

Quineus eram muito provavelmente os que já cerca de 2700 a. C. aparecem nos montes do Sinai dedicados à exploração de minérios (certamente de cobre) e onde foram perseguidos, nos séculos 28 e 27 a.C., pelos faraós da 3ª e 4ª dinastias egípcias, designadamente por Djéser e Snefrou.

A estas perseguições se referirá o Cântico de Débora, incluído no Livro bíblico dos Juizes, onde o facto é, porém, reportado a uma campanha, muito posterior, dos sírios contra os cananeus. O nome Sísera (conservado na

memória dos cananeus) parece, porém, variante fonética do Djéser atrás referido, em cujo reinado houve uma fome de sete anos no Egípto. Por outro lado, o modo como a heroína (mulher do quineu Heber) mata o guerreiro - com uma choupa e maço (como se abatem os bovinos)- é o mesmo que se vê retratado numa inscultura alusiva às campanhas de Snefrou no Sinai (cerca de 2675 a.C.), parecendo corresponder a particularidade cultural dessa região naquela época **(12)**. É pois plausível que, quer o Cântico de Débora, quer alguns episódios do Livro do Êxodo, se refiram à expulsão de kyneus e pharyseus da Península do Sinai no século XXVII a.C., pois faryseus e quineus já se encontram estabelecidos na Samaria quando os suseus (ou hicsos) expulsos do Egípto no século XVI a.C., aí se vão estabelecer também.

Aos **pharyseus** -«filhos» de Pharu (vaca), criadores de bovinos e adoradores do bezerro de ouro, referidos no livro do Exodo- deverá o seu nome a campina de Pharan (=terra de Pharu) no litoral do golfo de Ákaba, em cuja toponímia também ficou um Monte Pharu onde eles prestariam culto à sua matriarca **(9)**.

Os pharyseus ou antigos persas (de origem dravídica) estavam também presentes, já no início do III milénio a.C., no vale do Nilo, onde a Vaca (Pharu) era venerada com os nomes de Hathor e Bat, e deu nome à ilha de Pharu no delta do Nilo, em que, muito mais tarde, Ptolomeu Philadelfo substituiu a coluna sagrada que lhe era dedicada, por uma torre para sinalização da navegação que se dirigia ao porto de Alexandria. Existindo pois pharyseus na Península do Sinai, a imolação com choupa e maço (exibida na representação de Snefrou, e no cântico de Débora em honra da «mulher» do quineu Heber) podia ter carácter ritual, próprio de culto à divina Pharu (depois também tratada por Farina, como o atestam alguns cabos (costeiros) e «montes» Farina (>Farinha), nomeadamente na ilha do Monte Farinha, na Ria de Aveiro, e no Alto do Monte Farinha, sobre Atei, em Mondim de Basto.

Segundo o Livro do Exodo, os dois povos aí referidos eram conduzidos, respectivamente, por um «genro» de Hobab (que era sacerdote kyneu no país dos madianitas ou heveus, os quais ocupavam a maior parte da península do Sinai) e pelo herói eponímico do outro -que não seria Aron ou Arão, mas talvez Harun (<Pharun), (pois que Arão (Ab-Arão) era o patriarca dos arameus- chegados só muito mais tarde a Canaan.

Vagas memórias de factos ocorridos cerca de 2700 a.C. poderão andar portanto confundidas ou misturadas, no Livro do Êxodo, com outras mais recentes, como as relativas à expulsão (no século XVI) dos suseus de José (o rei Sus ou hic-sus) que para o Egípto tinham ido no sec. XVIII (facto a que alude no Genesis a alegoria de «José vendido pelos irmãos»), e à eventual fuga, (nos séculos seguintes?), de escravos que os egypcios tivessem capturado em Canaan após a expulsão dos hicsos, porventura no tempo de Ramsés II (1298-1235) **(8)**. Aliás, os Suseus já estariam de posse do decálogo (inspirado no de Hamurabi) quando foram para o Egípto, e a

legenda da sua entrega a Moisés no Sinai, poderá andar confundida com uma antiga tentativa (sem sucesso) dos quineus para converterem os pharyseus (adoradores do bezerro) ao culto do seu «deus do fogo e dos trovões», que se revelou a Moisés na sarça ardente.

O culto do Fogo, que também já existia na Suméria nos primeiros séculos do III milénio a.C. em torno do divino Gibil, perduraria entre os quineus e frátrias por estes constituídas, e conservou-se até tarde no Irão, para onde poderá ter alastrado a partir dos quineus da Caldeia.

A evocação destas antigas manifestações do culto do Sol (por parte de atyseus ou heteus) e do Fogo (por parte de lyceus e kyneus) é necessária para o enquadramento de algumas tradições relacionadas com formas de culto prestadas pelos longos e lícios europeus aos seus patriarcas eponímicos Longo e Lyco.

#### **7 - S. Gens e os dois ferreiros com um só um martelo**

O povoamento do antigo concelho de Monte Longo (que ocupava a hemibacia esquerda do alto Vizela), pelos Longos, parece ter-se iniciado no planalto da Lameira no princípio do IV milénio a.C., com um núcleo de colonos fixado no lado Sul desse planalto -na cidadelha ou «cidade» de Lamas de Bolada (<Molada?) - e com outro do lado Norte -entre a Lomba da Arada e o Lameirão de Pousadoura.

O concelho viria a tomar o nome do local em que terá tido a sua primeira sede, ou «forum» de convergência civico-religiosa, e que era a coroa de um cabeço destacado no bordo sudoeste do referido planalto, e situado a 706m de altitude. A designação de Monte Longo dada ao topo desse cabeço significava que esse local era considerado a «morada» de Longo, pois que o significado primitivo do vocábulo «monte» era «local de habitação». Hoje essa eminência geofísica é conhecida por Alto de Santinhos, e tem no seu sopé, do lado nascente (a 600m) o lugar de Montim (ainda no planalto), e do lado Poente (a 500m) o de Outeiro (já na descida para o vale do rio Vizela).

Perto deste antigo outeiro mantem-se memória de culto a S.Gens, que terá aí possuído ermida ou igrejola que já existia em 1064, antes da edificação da actual igreja românica dedicada a S. Bartolomeu. Tal ermida ou igrejola terá sido, até ao século XII, a sede de primitiva paróquia cristã comunal, fundada aí em contraponto ao culto pagão prestado aos «Santinhos» no alto de Monte Longo, onde no século XI também existiu uma ermida dedicada a S. Mamede. Desconhece-se se S. Mamede era um dos santinhos que deram nome ao Alto, ou se essa denominação é anterior à erecção da capela de S. Mamede, o qual deve à sonoridade do seu nome o ter sido eleito para especial protector da pecuária leiteira.

Em Montim (<Monte Ini?) a capela do Santo Cristo sucedeu a um Cubelo de onde provirá uma pequena ara com curta epígrafe que ainda não teve oportunidade de observar directamente.

Ora, contam os povos do planalto que em tempos remotos viveram naquelas duas aldeias, separadas pelo referido alto de Santinhos, dois ferreiros, que, possuindo apenas um martelo, o arremessavam um ao outro, por cima do Monte, conforme dele iam precisando.

Legendas semelhantes (de dois ferreiros com um só martelo) ocorrem noutros locais do País e da Europa, até à Escandinávia (com os ferreiros Veland), como referem Louis Charpentier **(2)** e Teófilo Braga (na História da Poesia Popular Portuguesa, I-109), e andam aí geralmente associadas também aos cultos de Lynco, Lyco ou Loke, Donar ou Thor.

No mesmo planalto da Lameira atrás referido, mas no sector nordeste do seu rebordo, deparam-se vestígios de antigas explorações mineiras, na Cucaninha e no Alto da Pedrisqueira; e a 300m de distância deste -em um alto que em documento de 1072 é denominado Monte Mangueli (isto é, «Monte do Manquinho»), e que é hoje conhecido por alto da Devesa ou do Rossairo (vocábulo com homófono grego a significar «protecção do altar»)- deparam-se aí pedaços de vasos cerâmicos antigos, que confirmarão a utilização do sítio como provável local de culto -denunciado pelos topónimos Rossairo e «Manquinho», sendo que este seria uma invocação de Vulcano.

Ora, também este Alto do Rossairo tem a Sul uma aldeia (Arbonça), e a Norte outra (Cerdeira), onde, embora se não conserve qualquer memória dos tais ferreiros, em ambas elas existiram até ao século XIII ermidas dedicadas a S Gens, tendo a de Arbonça sido edificada no sítio da Perlada (<*petra lata* ou comprida), entre os casais do Outeiro e da Erbacheira. A ermida da Cerdeira existiu no sítio do Cubilhô, junto do alto do Outeiral, entre este e outro cabeço denominado de Monteselo (<Monte Selu).

Na ermida de Arbonça -em que S. Gens foi substituído por S. Pedro e S. Paulo (talvez já no sec. XIV, quando se construiu noutro lugar nova igreja paroquial dedicada a S. Bartolomeu)- nessa ermida, repito, realizava-se tradicionalmente -na festa do patrono do lugar, e herdada certamente da festa a S. Gens- a paródia da «lavoura dos cães e das cabras». Esta lavoura é uma paródia de lavoura, conduzida por mascarados, e em que o arado (minúsculo) é puxado por uma parelha de cães, e a grade (também de tamanho reduzido) é arrastada por outra parelha de cabras. Os participantes na lavoura (todos mascarados como nos entremeses do Entrudo) arremedam, com toscos galhos de carvalho manejados como enxadas e engaços, os movimentos dos agricultores na faina da abertura de cadabulhos e picagem de seitas, aproveitando esses movimentos para manter os espectadores afastados do percurso da lavoura. Na sementeira, em vez de grão usavam-se tradicionalmente as inúteis cascas de baganha.

Esta pantomina, com carácter de mascarada carnavalesca, seria realizada inicialmente -tudo o faz crer- na festa de S. Gens, que tinha lugar a 23 de Agosto -o mesmo dia em que em Roma se celebravam, também com mascaradas, as Vulcanais em honra de Vulcano.

Temos pois em Arbonça uma coincidência cronológica e tipológica da festa de S. Gens, na proximidade do altar do Manquinho, com as Vulcanais em Roma; e temos, por outro lado, tanto em Arbonça como no Monte Longo, uma associação do culto de S. Gens ao do Manquinho e ao dos dois ferreiros (com um único martelo), tal como acontecia antigamente na Sicília com a memória dos Gémeos pálicos associada ao culto de Vulcano.

Na nossa toponímia, além de sítios denominados Sangens, Sanjães ou S. Gens, e até Sojais, existem outros denominados simplesmente Gens e Gémios, todos eles associados a antigos outeiros ou crastos de culto pre-cristão, e referenciados alguns deles em textos medievais, como *Geminis*. Isso permite supor que o S. Gens não passará afinal de uma variante fonética do binómio *sancti Geminis* que se referiria a Gémios que naqueles outeiros haviam sido alvo de antigos cultos pagãos, e que em algumas regiões esse culto se continuou na época cristã, por os evangelizadores terem admitido que o mesmo se dirigia a um mártir cristão com o nome Gens.

Esses Gémios do antigo culto pagão eram, como atrás ficou dito, figuras míticas representativas de frátrias que por descenderem de dois clãs diferentes, tinham por isso dois patriarcas, evocados e venerados em conjunto. Eles andavam de tal modo associados um ao outro que os seus nomes se hibridaram num único, e o mesmo terá acontecido à sua imagem, que em alguns casos terá tomado a forma de gémeos siameses, noutros a de um corpo com duas cabeças, e até a de uma cabeça com duas caras. Assim acabaria por surgir a concepção de um deus resultante da ligação de duas pessoas, que, no caso de serem ferreiros, necessitariam portanto de apenas um martelo.

Na antiguidade foram venerados diversos pares de Gémios, mas o de que ficaram mais notícias foi o dos *dióscoros*, filhos de Leda, Leto ou Latona - que seriam os venerados em Cabeceiras (Casares) e em Vieira do Minho (Eira Vedra). As tradições associadas ao culto dos *sancti Geminis* (San'Gens) de Monte Longo identificam-nos com os Gémios Pálicos, associados ao culto de Vulcano, e talvez sejam eles os «santinhos» hoje evocados no antigo sítio de Monte Longo. Vejamos se da análise da origem e evolução do culto de Vulcano nos vem alguma indicação sobre a identidade destes Gémios.

## 8 - A origem do culto de Vulcano

O nome do itálico «Vulcano» é certamente uma variante fonética do cretense Velchanos que, por sua vez deriva do bíblico Elcana (referido no L.º I de Samuel-1), por pre-aposição do termo cananeu Ba (que significa «Senhor»). Sendo assim, Elcana significará «sacerdote de El» (<Hely), e será portanto um atributo ou epíteto, e não o nome próprio de alguém. Mas sendo Elcana ou Belcano um epíteto, interessará conhecer o nome original do personagem (provavelmente eponímico) a quem ele foi atribuído.



Segundo o relato do Livro de Samuel, completado com informações contidas no Livro I das Crónicas (cap.º 6.º v.ºs 26-27 e 34-35), Elcana era efraimita «filho» (da terra) de Geroan ou Gerocan; era também «filho» da «cidade» ou reino de Too, Toa ou Thoo, e «filho» de Suf, Zuf ou Zofai; e subia todos os anos, em peregrinação à cidade de Silo ou Hilo - onde estava Hely -a prestar culto ao Altíssimo- porque ele era, ainda, «filho» ou adorador de Hely, Hélio, Eliú, Eliel ou Eli(ab), isto é, do Sol **(8)**. Tinha duas «esposas», isto é, dominou em dois territórios: Ana e Phenina.

Os sacerdotes do templo de Jerusalém -que não aderiram ao culto de Hely, ou o abandonaram, permanecendo fieis ao culto de Jou ou Sus (patriarca eponímico dos suseus) sob a invocação de Joubah ou Jubal- para fazerem a apologia deste, terão alterado o texto original daquele livro, atribuindo o epíteto de Altissimo a Jeová, fazendo de Hely um sacerdote deste, e identificando Elcana com um irrelevante morador de Efraim. Mas para os youlos e outros grupos da Samaria que aderiram ao culto de Hely (=Hélio ou El) ou Samson, o Sol é que era o autêntico Altíssimo; e o tal «homem» de Efraim tinha a dignidade ou epíteto de seu «sacerdote» (El-cana). Era, pois, figura importante em Efrain.

Elcana, além de «filho» ou devoto de Hélio, era também «filho» de Geroan ou Geryon, isto é, era da «terra de Gerix» (Herix ou Erix) também conhecida por Erythia, Hera ou Sara (actual planície de Sarona) onde os filhos de Eryx (ou Pharis) criavam bois que (no último terço do século XIII?) os merculeus (Hércules) foram roubar para dar a Euristeu, rei de Micenas (a da Samaria, e não a grega).

Elcana era também «filho de Tooh, mas este Tooh bíblico será o mesmo Thoos ou Toas que, segundo a tradição recolhida na Grécia, era um dos pequenos reinos cananeus que pretendiam a posse ou aliança de Helena, e cujo epónimo foi também, na respectiva legenda, um dos «guerreiros» que se introduziram no «cavalo de madeira» para entrar na cidade de Tros - cabeça do reino de Troia- quando os cassitas («domadores de cavalos») já dominavam na área. Foi só depois de conquistada pelos suseus (de Josué) adoradores de Hely (por isso apelidados também «heleus»), e de tornada centro principal desse culto, (com a introdução nela da «arca da aliança») que ela passou a ser conhecida ainda pelos nomes de Hely, El, Il, Ilo, Hilo e Silo, e o seu termo por Helyana, Helena ou Ilion, conforme o povo que se lhe referia -a formosa Helena, cuja posse ou aliança era disputada por todos os pequenos reinos vizinhos.

É provável que o «cavalo de madeira» que (segundo a tradição levada para a Grécia e para a Itália pelos que dela fugiram ou foram expulsos) foi introduzido na cidade de Troia, seja a «arca da aliança» que (segundo cap.º 18 do Livro de Josué) os suseus nela introduziram, depois de serem expulsos do Egipto.

O facto de Sus significar «porco» para uns povos (como os latinos) e «cavalo» para outros (como os hebreus) gera alguma confusão, e terá a sua explicação na proverbial união de Castor e Polux -os Gémeos dióscoros. Talvez a eles se deva a expansão atlântica do culto dos

heróis representados por essas duas espécies: os varrões das margens do Douro, a Hipona gaulesa, os cavalos brancos da Grã Bretanha, os equesos do Alto Tâmega.

Na tradição grega, Vulcano -que nela é designado por Hefaiсто- era considerado «filho» de Hera; o que significará que a comunidade que o seu nome representa, ou habitava também na planície de Hera, Sara ou Saron (ocupada na sua maior parte pelos pharyseus), ou era protectorado destes. Terão surgido porém desavenças entre eles pois, segundo a lenda, a certa altura Hera atirou este «filho» ao mar. Mais tarde ele recuperou o seu poder e prendeu Hera ao seu trono ou «cadeira» e nem os arameus (Marte) nem os aqueus (Baco) -que foram em auxílio de Hera- conseguiram libertá-la das peias com que Hefaiostos a enleou. Só quando Hera entrou em litígio com Zeus (ou seja, quando os pharyseus são ameaçados pelos recém-chegados heteus) por causa de Hércules (isto é, dos merguleus ou tageus) é que Vulcano, já depois de «casado» com Phenina ou Vénus -isto é, depois de ter estendido o seu protectorado aos fineus da Samaria- se aliou com Hera contra Zeus, libertando-a da sua tutela.

(Zeus e Teseu são formas aferesadas do nome do herói eponímico dos atiseus ou heteus os quais, nessa região, além do território que deles tomou o nome de Atena, terão ocupado também, no século XIV -segundo sugere a lenda- uma parte da planície de Sara ou Hera.)

Ao longo do II milénio a. C. Elcana conheceu outros enquadramentos políticos, como o referem as várias identificações que lhe são dadas no cap.º 6º do livro bíblico das Crónicas I. Ele foi também «filho» (súbdito?) de Coath -nome que será variante fonética ou gráfica do Cotto ou Cotis da Mitologia grega- provável patriarca eponímico dos gútios que terão entrado em Canaan entre 2241 e 2116 a.C.; e também de Assir ou dos assírios, de Corá ou Peresephone (isto é, dos pharyseus), etc (9).

Circunstâncias várias do mito de Lycaon parecem apontar para este como o provável detentor do epíteto de Elcana. Com efeito, Lycaon é um personagem geminado, representativo de uma frátria de Lyceus e kyneus ou caineus, e nele se reúnem de facto num só nome (híbrido) os patriarcas de duas famílias de metalúrgicos manipuladores do fogo, digamos dois ferreiros: Lyco (o suposto Prometeu da Fábula) e Cayn (ou Kyno). Lycaon será o mesmo Tubal-Cain referido no cap. 4 do Genesis bíblico como patriarca (mítico) dos caldeireiros e ferreiros, pois que Tubal (cujo nome parece ser forma contracta de Too-baal, com o significado de «senhor de Too» -que será o mesmo reino de Thoos do qual Elcana é dado como «filho» no livro das Crónicas) é geralmente identificado com os Lycios ou Tibarenos. Além disso o clã de Tubal-Cain é aí apresentado como sendo «filho» de Lamech e Zila, isto é, habitante da gentildade dos Lamios, estabelecida em Zila (ou Sila) -que será uma outra forma de designar «terra» de Silo, Hilo ou Ilo, equivalente a Ilion (forma amorraica) e a Helyan (forma indo-europeia).

Segundo a lenda essa Helena ou «terra de Hely», situada na zona alta da Samaria, rivalizava em beleza com a «terra de Sara» ou Hera (a

planície de Saroná) situada no litoral da mesma Samaria e ocupada pelos pharyseus ou pharúsios -filhos de Pharis, o «raptor» de Helena e árbitro na disputa entre Juno, Atena e Vénus. Com parte dessa Hera ou Sara viriam a «casar» também, cerca de 1300 a.C., os arameus filhos de Ab-Arão -o terrível Ares ou Marte, que ganhou entre os greco-romanos o ápodo de «deus da guerra», e que se apoderou também da bela Phenina (terra ocupada pelos fineus ou «filhos» de Fenes ou Vénus) que antes estivera sob o domínio de Elcana ou Lycaon- facto que a legenda mitológica evoca sob a forma de traição de Venus (que os gregos designavam pelo epíteto de Afrodite) a seu «marido» Vulcano ou Hefaisto, pois que ao seu reino pertencera essa terra antes de «cair nos braços» dos arameus.

O fundamento do mito de Lycaon -que, como os de quase todos os outros da Mitologia grega, terá sido levada para a Grécia e para outras regiões mediterrânicas e atlânticas, entre os séculos XVI e XII a.C., por emigrantes ou refugiados cananeus- apresenta-o como sendo rei de Parrhasia, na Arcádia (outro pequeno país do planalto de Efraim encabeçado pela cidade de Arcas -dos arqueus do cap.º 10º do Genesis) e como sendo «pai» de 50 «filhos» e «filhas», isto é, soberano de 50 cidades ou clãs, contando-se entre elas Helice (de Hely)- o que indica ser tal domínio posterior à entrada dos heleus (suseus) na Cisjordânia.

Lycaon, Tubal-Cain e Elcana serão pois um mesmo personagem mítico: o herói geminado dos que trabalhavam na forja com a bigorna e o martelo -patriarca dos caldeireiros e ferreiros, como diz o Genesis. No Egipto, onde aparece muito ligado à classe profissional dos ourives e escultores, era conhecido pelo epíteto de Ptah ou Ptoh -o engenhoso ou habilidoso.

Em certa época -posterior à implantação do culto de Hely na Samaria, ou seja ao século XVI a.C.- a frátria dos lycaones terá desempenhado uma função de liderança em toda a região que vai da Galileia à Judeia, para lhe ter comunicado a designação de Canaan -designação que ainda conservaria no tempo do numeramento de David (supondo que o livro Números deve o seu nome a esse numeramento).

Na Grécia os Lycaones ficaram mais conhecidos por Iacónios, e foi lá que, com o passar do tempo, foi «cristalizando» o mito de Lycaon, cujo poder, em terras onde era conhecido por Belcano ou Hefaisto, foi associado às erupções dos vulcões, vindo por isso a ser nelas considerado o Senhor das regiões inferiores ou «infernos».

Na antiguidade grega e romana, Vulcano era imaginado como um homem adulto e algo amadurecido, barbado e peludo, de tronco vigoroso, mas sobre pernas franzinas e, em alguns casos, apoiado a um cajado; era representado com uma túnica ou avental de ferreiro que lhe deixava à vista a espádua direita nua, e com um carapuço na cabeça, segurando na mão esquerda a tenaz, e manejando com a direita o martelo.

Na Gália o «deus do malho» aparece representado numa pequena estatueta do Museu de Beaune, em posição de estátua, segurando com o braço esquerdo um «malho rodeiro» de longo cabo e na mão direita um pequeno vaso.

Na Lusitânia o «deus do martelo» estará representado numa pequena estatueta (de ferro) recolhida no Museu de Moura, e também no colosso de granito que Martins Sarmento transportou de uma tapada de Pedralva para o seu Museu em Guimarães. Em ambas as imagens o deus é representado sentado, e com o braço direito em atitude de quem vai bater com o martelo na bigorna, sobre a qual parece manter algo que a mão esquerda seguraria com a ajuda de uma tenaz.



1 – Imagem do Vulcano romano  
3 – A escultura de Pedralva



2 – O deus gaulês do malho



**casadesarmento**

centro de estudos do património



Lycaon seria mais venerado entre nós sob as invocações de Gémeos, Gens e San'Gens, sendo também designado, como se disse, pelo ápodo de Manquinho -condição que lhe terá vindo pelo lado de Lyco (o lobisomem a quem, segundo a nossa tradição, um noctívago que com ele se cruzou o atacou e lhe partiu uma perna. Parece ter sido designado ainda por Senhor (Selu) e por «Deusinho» (Deabulo>Diabo), testemunhando este e outros diminutivos (de carinho) com que era tratado -Santinho, Manquinho, Deusinho- a veneração afectuosa que lhe era dedicada pelos nossos antepassados.

Essa devoção terá constituído um obstáculo à penetração do cristianismo cujos pregadores o terão apresentado como a antítese de Cristo - o anti-Cristo. Prometendo aos seguidores de Cristo a ressurreição dos corpos e uma vida eterna no paraíso, aqueles deixavam aos fieis seguidores do Manquinho ou Diabo o fogo dos «infernos» de que se cria ser ele o Senhor.

Para desviarem os povos do culto tradicional aos santinhos Gémios ou Diábo, os cristãos contrapuseram à festa deste (efectuada a 23 de Agosto) a festa do apóstolo S. Bartolomeu, colocando-a no dia seguinte. Por isso se começou a dizer que, no seu dia, S. Bartolomeu «vem prender o Diabo que andou à solta na véspera».

Vulcano acabaria assim por sofrer uma reconversão cristã, passando a ser visto nuns locais como o anti-Cristo, e o Senhor de um inferno

pintado pelos cristãos com cores a cada século mais horrendas; mas noutros locais continuou a ser venerado como santo cristão, sob a invocação de San'Gens, embora identificado como um dos primeiros mártires do cristianismo.

Eis porque as festas de S. Bartolomeu e S. Gens herdaram em muitos locais as manifestações tradicionais do culto ao manquinho Gens ou San'Gens, cujo nome original era Lycaon, mas foi invocado por todo o mundo mediterrânico sob muitos epítetos e títulos.

### **9 - Os nomes Vestio, Hephaisto e Mero**

As duas aras de Pontevedra, que citei no início desta comunicação, revelam-nos uma divindade invocada pelos longos sob o nome Vestio, o qual não escapamos a comparar com os da Vesta romana e da Hestia (<Festia) grega -deusas do lar e do fogo doméstico. Por outro lado, os casos que referi de identificação do culto de Longo com o de Vulcano romano e do Hefesto grego permitem-nos admitir que Vestio fosse a invocação dada pelos dedicadores das aras de Lourizan a essa divindade e, portanto, mais um epíteto de Lycaon.

Poderá, com efeito, admitir-se que, algures, tenha sido dado a Lycaon -manipulador do fogo e sacerdote de Hely- o epíteto de Vestio, por analogia com Vesta ou Vestia (>Hestia), supondo que esta fosse venerada antes de Lycaon como «sacerdotisa» do Fogo, e figura protectora do lar; e considerando que a designação de «deus» (ou «deusa») só terá aparecido tardiamente, tendo sido precedida em Canaan pela de «sacerdote» (ou «sacerdotisa»).

Por seu lado, Vesta ou Vestia poderá ser variante fonética de Vasty -nome que o Livro da Rainha Ester (ou Istar)- alusivo ao tempo em que Ciro conquistou Babilónia -dá a Basht ou Bastit, a matriarca mítica dos Bashteus ou Basseus, de quem descendiam os persas, e que por estes era venerada nas regiões da Síria em que eles estavam. A aposição da desinência *a* pelos indo-europeus (tal como a de *t* ou *tu*, pelos semitas) visaria salientar o seu carácter feminino, que não ressaltaria do vocábulo dravídico Basht ou Vasty. E não seria de estranhar que, algures, os persas (que, como todos os iranianos, receberam muito cedo dos medos ou sefeus o culto do Sol) tenham imaginado a sua matriarca Bashty ou Vasti (cujo nome acusa alguma paronímia com o indo-europeu Hestia ou Vestia -significante de lar) também como «sacerdotisa» do Fogo doméstico.

O culto de Vesta ou Hestia espalhou-se pela bacia mediterrânica sob diversas invocações e influenciou a imagem de outras heroínas ou divindades. Os romanos pensavam que Vesta era esposa de Coelo (o equivalente ao Ouranus grego); isto é, veneravam-nos como paredros um do outro, mas é provável que isso tenha resultado de um equívoco proveniente de paronímia entre o *Selu* assírio-babilónico (que significava «Senhor») e o *Coelo* indoeuropeu (que significa «céu»). O paredro de Vasty ou Vestia ou

Vesta invocado também como Selu (Senhor) seria Perseu, a quem se referirá, por exemplo, o epíteto de Selo ou Chelo presente na toponímia do antigo concelho de Basto (Celorico). Mas, na antiguidade, a Vesta foi também dado o epíteto de Cybele, a qual foi venerada como «esposa» de Saturno -que será o epónimo de uma frátria de setheus ou danaus e de turnos ou tyrrenos. E, como é sabido, o Perseu da tradição grega também era considerado «filho» de Danae, isto é, da parte da «terra de Dan» habitada pelos pharyseus; mas, como persa, era também filho de Pharu e Bashty, e o mito do seu nascimento em Argos (com sua mãe encerrada numa torre de bronze) veio para a terra de Celorico associado a Bashty -a santa bárbara ou persa, também conhecida por Senhora do an(te)paro ou da torre- o que reforça a identificação de Vestia com Vasty, Bastet ou Bastit (a deusa leoa ou gata parda do Egipto -cujo nome estará na origem do nosso topónimo Basto, onde ela gosa de grande veneração sob aquelas invocações de Santa Bárbara e Senhora do Amparo.

Assim se poderá explicar a atribuição, em algumas regiões, do epíteto de Vestio a Lycaon ou Vulcano -deus do Fogo- por analogia com Vestia -deusa do lar e do fogo doméstico.

Quanto ao epíteto grego de Hefaisto é possível que ele resulte do facto de Velchanos ser, no II e I milénios a.C., uma das principais, senão a principal divindade venerada na cidade cretense de Phaistos, e que, sendo ele sacerdote de Hely, o seu culto andasse aí associado ao de Hely -He(ly)-Phaiston- acabando por se fixar neste nome.

Phaistos era também o nome de uma cidade ou povoação cananeia, mais antiga que a cretense, cujo nome poderá ser também variante fonética ou derivado do nome da matriarca Bashty, «rainha» mítica dos Basseus vindos talvez de Basht nas montanhas do Zargos. É aliás possível que Argos -nome de cidade do litoral pharyseu na foz do Inaco- seja uma variante fonética de Zargos.

A nossa toponímia regista muitos topónimos em circunstâncias que sugerem uma derivação de antigos hierónimos, como é o caso de Miro, Muro e Mero em Mirobriga, Montemuro, Merobriga e Merobrio, respectivamente. Não é inverosímil que se trate de variantes fonéticas de um epíteto Mero (com forma feminina Mera) de qualquer figura mítica, pois que na antiguidade nos aparece o nome Mera ligado à figura de uma cadela (ou cão) mítica; mas a única raiz que se me depara para esse vocábulo é o hebraico *mhir* ou *mohir*, com o significado de «hábil» ou «habilidoso» que, como se disse, são epítetos geralmente atribuídos a Vulcano, o qual, como também ficou dito, é filho do cão (Kyno ou Cain) e do lobo (Lyco).

-Será que também «Mero» era outro epíteto de Vulcano? Se o fosse, seria então verosímil que o topónimo Sameiro (aplicado ao monte sobranceiro ao local de onde Sarmiento retirou a estátua de Vulcano que levou para Guimarães) derivasse de San Mero, e que esta fosse a invocação local da deidade representada por essa escultura.

Outro alto do Sameiro existe junto à cidade de Penafiel de Canas - terra de ferreiros cainitas (de quem descenderão os «cães da Lixa»), que também aí edificaram um santuário moderno à Senhora sua protectora. Mas só a acumulação de um número significativo de correlações idênticas poderá transformar uma hipótese deste tipo em tese com maior ou menor credibilidade.

### **10 - Vestio Lonieco**

As tradições ligadas em vários sítios ao culto de Longo (legenda dos ferreiros e culto dos Gémeos ou San'Gens) indicam, portanto, que, em várias regiões, os Longos ocidentais atribuíram ao seu patriarca eponímico atributos idênticos aos do Vulcano itálico, e que lhe tributaram formas de culto inspiradas no culto prestado ao seu patrono pelos licaones. Pode, pois, questionar-se se os longos «construíram» nas suas mentes uma imagem de Longo inspirada na de Vulcano, ou se adoptaram dos lycaones ou cainitas o culto de Vestio ou dos Gémeos pálicos -conforme o viram ser-lhe prestado- e lhe «vestiram» depois alguns «adereços» específicos do seu herói eponímico.

Provavelmente, nos muitos locais de diferentes regiões onde os lycaones ou cainitas entraram em contacto com os longos, ter-se-ão verificado diferentes atitudes.

A designação de Vestio Lonieco presente nas aras de Pontevedra sugere a primeira interpretação, e o próprio mito dos dois ferreiros é lycaónico, embora, por toda a Europa -tal como a Lyco- lhe tenham sido atribuídos braços suficientemente longos, e fortes, para arremessarem um malho ou martelo de ferreiro à distância de quilómetros, por cima de montanhas -proeza que só «aquele cujos braços alcançam longe» (isto é, Longo) conseguiriam realizar.

Em Arbonça, no Monte do Manquinho, domina também a matriz Lycaónica ou Vestica do culto carnavalesco dos Gémeos -aí metamorfoseados em San Gens; mas a pantomina da lavoura dos cães e das cabras será peculiar dos longos, e retratará o desprezo destes pelo cultivo dos cereais em geral- o que é traduzido no mito pela recepção desrespeitosa feita a Triptolemo (cultivador de trigo). O inventor da fábula -que podia desconhecer a origem totémica do etnónimo linceu ou «lynko»- aproveitou a situação para a explicar através de metamorfose operada por Ceres em Lynko, como castigo da má recepção por este feita ao seu mensageiro.

A «lavoura dos cães e cabras» é, de facto, uma paródia de lavoura feita com cães e cabras em vez de vacas, na qual parece ridicularizar-se os que viviam de, com a ajuda de vacas, lavrar, picar, semear e gradar a terra, e ficar depois alguns meses à espera que da terra brotassem ervas e estas espigassem para só então as irem respigar. Isto pareceria a pastores montanheses que nunca teriam visto algo de semelhante, uma forma de viver muito miserável e pouco nobre.

(Esta ancestral tradição tem vindo a ser descaracterizada nas últimas décadas por enxertos despropositados e de mau gosto, que no entanto vem atraindo anualmente à festa de S. Bartolomeu do Rego multidões de curiosos apreciadores desse mau gosto).

Charpentier -que não faz a distinção entre Lyngo e Lyco ou Lyco- refere que nas lendas irlandesas Lug, «o do braço longo» -portanto Lynko- é o engenhoso, o construtor, o mágico, o operador, que tem um caldeirão em que prepara poções que curam doentes e feridos, ressuscitam os mortos, ..., é médico e alquimista, é operário universal que toma como tal diferentes personalidades, é demiurgo, e é filho de Cian ou Gian -o «Flamejante». Estes poderes de Lynko ou Lyco reproduzem manifestamente os mesmos atribuídos no Próximo Oriente a Lycaon e a Ptoh. É pois, por vezes, difícil distinguir, no Ocidente, se se está perante Longo, Lyco ou Lycaon; até porque as três etnias por eles representadas parece andarem aqui frequentemente associadas entre si.

Segundo Ptolomeu, o principal centro cívico dos longos de Entre Douro e Minho era a localidade de Meroua, que poderá ser corónimo (toponimizado) derivado de Mero. Considerando que este nome é o de um herói tutelar de Merobriga, e se admitirmos que ele está presente no topónimo Sameiro (<San' Mero) da Terra de Pedralva onde se situa a citânia de Briteiros, pode pôr-se a hipótese de Meroua ser a antiga denominação do território encabeçado pelo ópido de Briteiros, ou seja, da terra de Pedralva.

As antigas terras de Sande (de Longos) e de Pedralva (de lícios ou caineus?) são contíguas, e ambas situadas na vertente Leste da serra da Falperra; mas, até à chegada dos bracos (celto-lígures) atribuída ao século XII a.C., o território daqueles estender-se-ia também pela vertente Oeste daquela serra, como o sugere a presença de uma fonte dedicada a Longo -a fonte do ídolo- quase às portas da antiga Bracara.

Virá a propósito notar que a estátua de Vulcano - hipoteticamente responsável pelo topónimo Sameiro na terra de Pedralva, se encontra hoje, ingloria e grotescamente enjaulada dentro de um nó rodoviário, em Guimarães. A não poder ser devolvida ao local original, ela encontraria integração muito mais adequada na citânia de Briteiros, a cujo complexo cultural certamente pertencia.

Junto das aras de Lourizan apareceu uma pedra com uma figura humana insculpida em baixo relevo, ostentando um capacete cornudo na cabeça e duas mãos com os dedos abertos em atitude orante -a qual se crê simbolizar Vestio Lonieco. Interrogados sobre o significado desta figura, os povos vizinhos dizem que é o Diabo, mas não sei se o dizem por suposição, ou por persistência de longa tradição vinda do tempo em que «diabo» significava ainda «deusinho» e se referia conscientemente ao santo Manquinho.



1 – Inscultura de Lourizan



2 – Cipo de Pedralva



3 – Cipo de Aldão



4 – Ara de Antime

Proveniente do Monte dos Picos, na mesma freguesia de Pedralva de onde foi retirada a colossal imagem de «o Habilidoso», existe também no museu da Sociedade Martins Sarmento um cipo esculpado em que avultam, como na insculptura de Lourizan, dois braços paralelamente encostados ao peito, e também com mãos proeminentes de dedos abertos, permitindo supor que se trate de escultura representativa da mesma divindade, fossem ou não invocadas pelo mesmo nome. Nesta de Pedralva avulta ainda a representação do sexo.

No mesmo museu e proveniente de Aldão, no termo de Guimarães (*Entre ambas Aves*), existe outro cipo esculpado, representando uma cabeça, e por baixo dela dois braços desmembrados e atados um ao outro com as mãos voltadas para o mesmo lado, recordando de algum modo o símbolo da Ordem Terceira de S. Francisco, e os ex-votos em forma de braços, que os crentes costumam oferecer aos seus santinhos quando lhes pedem a cura de qualquer maleita em idênticas partes do seu corpo.

Finalmente em Antime (no antigo concelho de Monte Longo) onde, além do culto à Senhora do Sol, existiu também um outeiro dedicado a Longo, deparava-se no adro da igreja paroquial uma ara (hoje deslocada para outro local) que tem insculpida numa face uma figuração que parece ser representação estilizada dos mesmos símbolos.

O capacete cornudo, os braços exibindo as fortes manábulas, e a exibição do sexo, sugerem a representação de um deus ameaçador -*smiting god*- de que o arq.º M. Varela Gomes apresenta vários espécimes do sul do País, em notável estudo publicado em 1990 nos Cadernos de Estudos Orientais. Função semelhante teriam os «gorgos» (divindades aterrorizadoras) do norte do País, que, como alguns daqueles, parecem inspirar-se no mito de Perseu -o herói eponímico dos pharyseus- havendo vários indícios de que estarão na origem do nome, culto e figura de S. Jorge, e de que as estátuas de guerreiros calaicos serão representações já da época da resistência à conquista romana. Esse santo Gorgo (>san Ghurgo ou San Jurjo>San Jorge), foi depois representado como legionário romano, invocado a seguir como S. Miguel, e no tempo da «Cavalaria» medieval passou a ser representado montado num soberbo cavalo atacando com a sua inseparável lança um dragão flamejante.

Os pharyseus, pharúsios, perseus ou persas - que segundo a tradição, transmitida por Salústio e outros, vieram para a Península com os medos (ou sefeus) e arménios (arameus?) -trazidos por Hércules (ou seja, pelos navegantes merculeus) talvez no século XII a.C.- eram considerados, como ficou dito, «filhos» da vaca (Pharu), e o seu herói eponímico -Perseu- identificar-se-ia portanto com o Touro. É por isso possível que os capacetes cornudos sejam inspirados na figura de Perseu, e que a inscultura de Lourizam represente ou um Gorgo Lonieco, ou um Vestio Lonieco com atributos daquele.

É também possível que já no início da idade do ferro -tal como ainda hoje acontece com Jesus de Nazaré e sua mãe- à mesma divindade fossem atribuídas diversas invocações -conforme a necessidade humana- e que isso desse origem também à sua representação sob imagens diferentes, como ainda hoje acontece com as imagens de Jesus Cristo e de sua Mãe.

-Seria Longo particularmente invocado nos males ou doenças dos braços e mãos?- de pessoas e animais? -Em Monte Longo, a tradição do «boizinho de Santo Antão» (ou Antão<Anton) terá sido herdada do culto de Longo em cujos lameiros -os «lameiros (de) Longo», existentes em cada antiga aldeia- eles seriam apascentados. E também a função de protector do gado a terá aqui herdado Santo Antão ou Antoninho do seu antecessor Longo ou Longuinho, por intermédio de santo Anton.

O tratamento carinhoso pelo diminutivo (Longuinho, Lobela, Manquinho, Santinhos, Santinha, Senhorinha, Farinha (de Faru), Antão, ... ter-se-á vulgarizado ainda antes da cristianização, e a passagem de

Longuinho a Longuinhos ter-se-á registado tardiamente por analogia com Domingos.

### **11 - A chegada do culto de Vulcano à Hispânia**

Considera-se que foi na sua fase calcolítica que os povos da bacia mediterrânica ultrapassaram as concepções totémicas acerca da origem das diferentes etnias e desenvolveram a ideia de que as suas diferenças tribais ou étnicas se deviam, não ao facto de uns descenderem de um homem-lince, outros de um homem-bode, de um homem lobo ou de um homem-carneiro, ... mas ao facto de descenderem de patriarcas que se chamavam respectivamente Lynco, Aco, Lyco, Aries (>Ares) ... ou outros. Esta interpretação poderá ter sido facilitada pelo facto de alguns povos deslocados do seu solar para outras terras terem adoptado para as respectivas espécies totémicas nomes diferentes dos que haviam estado na origem dos seus etnónimos.

Naturalmente, foi só depois da fase de explicação dos etnónimos por via dos respectivos epónimos, que cada clã e frátria começou a atribuir ao respectivo patriarca (imaginário) os feitos memoráveis ou legendários dos seus anónimos antepassados, transformando-os a pouco e pouco nos heróis e figuras tutelares da sua família étnica. Só mais tarde -durante o III e II milénio a.C.- ocorreria a divinização desses heróis, isto é, a atribuição de poderes sobrehumanos aos respectivos «espíritos», acreditando-se que aqueles teriam tido existência tão real como a de outros «santos» que pela sua vida extraordinária vinham, desde há milénios, ganhando juz a verem as suas sepulturas transformadas em locais de culto.

Como as divindades e formas de culto referenciadas no Ocidente durante o domínio romano parecem ser todas, ou quase todas, de origem oriental, e copiarem modelos que parece virem-nos de Canaan (algumas delas bem descritas no Hexateuco bíblico e testemunhadas pelas tradições da cultura fenícia do I milénio a.C.); e como os Longos e os Lyceus chegaram à Europa Ocidental antes da «enfabulação e divinização», no Próximo Oriente, dos heróis eponímicos, é de supor que estes povos ocidentais só no II milénio a.C. tenham começado a venerar os seus patriarcas míticos (Lynco e Lyco). Como, por outro lado as concepções e formas de culto por eles adoptadas são réplicas das atribuídas ou prestadas pelos caineus a Vulcano, será lícito supor que destes as tenham imitado -o que pressupõe o convívio ou vizinhança com alguns clãs deles.

Ora, as actividades mineiras (da cassiterite) e metalúrgicas do bronze -que a tradição bíblica atribue aos «filhos» de Tubal-Cain- iniciam-se na Península só no final do século XVIII ou início do XVII a.C., depois, portanto, da queda do império babilónio de Hamurabi, e após a entrada dos suseus no reino de Bassan (a que terão dado o nome os bashteus criadores de bovinos) e depois também (talvez) da dos cassitas «domadores de cavalos» de quem a cassiterite derivou o nome **(9)**.

Os cassitas terão constituído com os horeus uma frátria (cujo patrono foi Castor) que habitava na vizinhança dos suseus ou youlos -os «filhos» de Jou-bal (Apolo) tocadores de harpa- de quem, segundo a legenda, foram aliados fieis. O episódio do «cavalo de Troia» terá ocorrido, logicamente, depois da fixação dos cassitas em Canaan.

Uma primeira vaga de imigrantes ou fugitivos lycaones ou caineus pode ter então demandado o Ocidente, na sequência desses acontecimentos em Canaan; e isso explicaria que o culto do manquinho Lycaon ou Tubal-Cain -ou dos Gémeos (pálicos)- chegasse cá antes de Lycaon se ter convertido na Samaria em sacerdote de Hely (ou Elcana) e pudesse fornecer, ainda nessa fase primitiva, o modelo para o culto dos herois eponímicos dos povos anteriormente aqui fixados.

Associados a locais onde se assinalam vestígios de antigas explorações mineiras depara-se por vezes com topónimos como Cuca, Cucana, Cucaninha e Cucaça, (aparentados com o antigo nome de Cuca Macuca dado à serra de Santa Justa, em Valongo), sendo que Cuca (a avaliar pelos seus derivados) parece significar «mina», «ana» significará «estanho» (como em sumério), e açã (<acies?) talvez signifique «ferro». Por sua vez macuca parece ser aumentativo de cuca, formado ao modo dravídico.

Este onomástico, fixado na toponímia, testemunhará uma influência assírio-babilónica na actividade mineira desenvolvida então entre nós, como acontecerá também com a palavra *Tamu* (água, rio, lagoa). A mesma influência será traduzida pelo uso do sufixo *tanu* (homem) na formação de etnónimos como: lucytanos, horetanos, carpetanos, bastetanos, turdetanos, edetanos ... sinónimos respectivamente de lyceus, horeus, carpeus, bashteus, turdeus, ydeus, ... Tais influências poderiam ter sido recebidas pelos cananeus no tempo de Hamurabi, e ser por eles veiculadas pouco depois para as Hespérias.

Tudo sugere, pois, que longos e lyceus tenham começado a prestar culto a Lynko e a Lyco por imitação de um povo que no sec XVIII ou XVII a.C se tenha vindo fixar na sua vizinhança, próximo de estações mineralíferas, e que prestava culto a Lycaon ou Tubal-Cain, quer sob esses nomes, quer sob os epítetos de Geminis (gémios), Santinho, Vestio, Manguelus (manquinho), Deabulos (deusinho), Selu (senhor), ou mesmo Mero, ... **(10)**.

Os lycaones, lacones ou caineus parece terem constituído o estrato básico da população dos antigos concelhos de Penafiel e Mondim na antiga diocese eclesiástica de Magnetum (cujos povos foram pelos romanos englobados na designação de calaicos), aparecendo aí encostados a comunas de população mais antiga, que os apodou de «cães» -os «cães» da Lixa e os «cães» de Mondim.

O antigo concelho de Mondim parece corresponder mesmo à Cainia referida por Valério Máximo como palco de um notável episódio ocorrido em

137 a.C. quando Décimo Júnio Bruto se abeirou do seu ópido para submeter os moradores ao jugo de Roma, e lhes enviou um emissário a convidá-los à submissão. A resposta que lhe mandaram foi que «os antepassados não lhes tinham deixado ouro com que satisfizessem a avidez de um general romano, mas apenas ferro (as hematites do Marão) para defenderem a sua liberdade». O corónimo Caninia sobrevive ainda muito próximo da vila de Mondim -mas como topónimo- no lugar de Cainha; e o ópido corresponderá às ruínas do Crastoeiro na encosta Sul do cónico Alto da Sr.<sup>a</sup> da Graça.

Quanto aos «cains» da Lixa, eles poderão descender do clã fundador do ópido de Canas no território do vizinho concelho de Penafiel (de Canas), onde os ferreiros tinham também desde tempos imemoriais uma saliente presença, podendo mesmo perguntar-se se os Tamagani (<Tami Cani=cains do Rio?) referidos na inscrição viária de Chaves, não se referirá aos núcleos de cainitas dispersos pelas margens do Tâmega.

## **12 - Outros imigrantes cananeus na Lycitania**

A Arqueologia (*sensu lato*) assinala a presença, no Noroeste da nossa Península, de outras gentes portadoras de cultura cananeia, e conotáveis com gentes referenciadas pela tradição grega em diversas zonas da Samaria, como sejam:

- Os Bashteus, basteus ou bastetanos -«filhos» da deusa Bashty ou Vasty- presentes no sudoeste espanhol e no antigo concelho de Basto (Celorico) - onde continuam a venerar a sua matriarca mítica com os nomes de Senhora do Am(te)paro e Santa Bárbara; Viviam a Leste do Jordão no reino de Basan, de onde os suseus de Josué os expulsaram, como se refere no livro do Deuterónimo.
- Os pharyseus ou pharusios, filhos da vaca Pharu ou Pharina (diminutivo latino) que está na origem dos vários Montes Faro ou Farinha (<Farina), onde os seus «filhos» lhe prestavam culto junto de pedras ou antas sagradas (perladas, perlongas ou perafitas), e que podem ser oriundos da planície de Saroná, de onde foram parcialmente expulsos pelos arameus. O seu herói eponímico era o touro Perseu a quem foram atribuídos os epítetos de Selu (senhor) e Gorgo (aterrorizador).
- Os taurodos do antigo concelho de Santa Cruz de Riba Tâmega, e os que nas planuras de Salamanca deixaram uma sementeira de touros de pedra, os quais seriam parentes dos anteriores basteus e faryseus, e que teriam aderido cedo ao culto do Sol, o que explicará a associação de imagens de touros a cultos solares.
- Os nemetatos (frátria de nemeus e heteus) do antigo concelho de Atei, hoje integrado no de Mondim, e que poderão ser oriundos de uma frátria de heteus e nemeus nas montanhas de Efraim, ... de uma Nemeia onde um ameaçador «leão», isto é, um clã de Bashteus, foi dominado por Hércules.
- Os youleus ou youlos do antigo concelho de Ermelo, das terras de Murça e de algumas áreas da Beira, que ao seu herói eponímico Jou -javali- erigiram

esculturas de varrões, e que serão parentes dos que deram o nome ao vale do Youlon (na margem direita do Jordão) onde implantaram o culto de Jou-bal (=Apolo), patriarca dos tocadores de harpa.

- Os helenos (leunos ou lubaenos) -oriundos de Helyan (Helena) e adoradores de Hely- o Sol -assinalados por Plínio a Norte do rio Lima e também referidos por Estrabão.
- Os amfilocos (bilíngues?) oriundos de uma «cidade» que também participou no cerco de Troia, e igualmente referidos por Estrabão.
- Os equesos -que descenderão dos cassitas (domadores de cavalos) que no século XVIII a.C. se estabeleceram em Canan, onde aparecem depois estreitamente ligados aos youlos ou suseus.
- Os orneus -da cidade de Ornis, nas margens do rio Asopo, da Licaonia, e de quem provirão os orneacos de Urros e Freixo de Espada-cinta, a que já atrás se fez referência.

Provenientes da Judeia e Idumeia seriam:

- Os sefeus, ofieus ou heveus («filhos» da Serpente ou de Eva) referidos por Avieno, que serão os mesmos a que outros chamam medeus ou medos - que terão sido expelidos da faixa de Gaza pela invasão dos filisteus- e a eles se deverão os vários Sever ou Seguer, Ofir, Meda e Medas, várias manifestações de culto ofiolátrico, ... e as denominações de Sephânia (>Hispania) e Ophiussa dadas à parte do Noroeste peninsular por eles ocupada e onde poderão ter transitariamente ocupado papel de liderança política, sobre uma área mais ou menos importante.
- Os ydeus, iudeus ou tydeus, também ditos mínios e aquitanos -povo ribeirinho, de provável origem indiana e de língua dravídica que deram nome à Idomeia e Judeia e terão dado nome às Tudeias do antigo concelho de Aguiar de Sousa, e da parte Sul do de Celorico, assim como o seu herói eponímico Tyde (o tydeu) o terá dado à cidade de Tuy na margem direita do rio Minho; Poderão estar também na origem dos aquitanos ou bascos, cuja língua tem grandes afinidades com as línguas dravídicas.
- Segundo Salústio, também arménios (arameus?) teriam feito parte - juntamente com faryseus e medos (os sefeus ou ophieus)- da comitiva de Hércules, na viagem por este conduzida às Hespérides. -Será que os «filhos» de Hércules (merguleus ou tageus -oriundos do vale do Tejo) se dedicavam ao tráfego marítimo entre as regiões atlânticas e a costa síria?

A maior parte dos povos de proveniência cananeia acabados de referir terão chegado ao Ocidente depois dos lycaones ou caineus, já ao longo da fase cultural do «bronze médio». A presença dos nemetatos entre os colonizadores de Entre Douro e Minho significa que a imigração destes é posterior ao século XIV a.C. (pois os heteus penetraram na Palestina nos finais desse século), fazendo suspeitar que essa imigração esteja relacionada com a fixação dos arameus, ou dos povos do mar, na Samaria e litoral da Judeia.

Por outro lado, uma emigração, fuga ou viagem conduzida pelos tegeus ou merguleus teria de ser posterior ao século XIII, podendo uma fuga ser explicada pelas campanhas de Ramsés III na Síria ou pela invasão dos luvititas que, dada a designação de levitas atribuída à nova classe sacerdotal (que veio substituir a dos filhos de Aron ou phariseus), talvez sejam os responsáveis pela unificação do reino hebreu. A vinda de sefeus (com farúsios e arameus) será responsável pelas manifestações de culto ofiolátrico no Noroeste peninsular, e teria ocorrido pelo mesmo tempo e motivo.

A vinda dos Bashteus poderá, porém, ser contemporânea da dos caineus e ser responsável pela introdução da criação de bovinos no Noroeste.

Todas estas gentes deixaram nas terras onde se estabeleceram vestígios mais ou menos perceptíveis do seu culto aos respectivos heróis tutelares, cultos que frequentemente continuam vivos sob a capa dos cultos cristãos que se lhes sobrepuseram sem completamente os apagarem.

O facto de os mais antigos povoadores do nosso território terem adoptado ou imitado as formas de culto prestadas pelos caineus ou lycaones aos Gémeos pálicos -e não os das comunidades acabadas de referir- significará que estas chegaram cá mais tarde, quando os longos e lyceus já haviam consolidado o seu culto ao deus Vestio ou Belcana.

Mercúrio, o deus do comércio -cujo nome parece ser o epónimo de uma frátria de merculeus (ou campos) e de horeus- era venerado pelos gauleses, segundo Charpentier, como patrono dos viajantes, e os mesmos atribuíam-lhe a invenção de todas as artes e ofícios, dedicando-lhe por isso uma grande devoção. Isto sugere que também os merculeus do vale do Tejo teriam participado com horeus, longos e líceus, durante o III milénio a.C., na expansão da cultura do vaso campaniforme na Gália e regiões vizinhas.

### **13 - A origem cananeia dos argonautas**

O que ficou dito pressupõe muito antigas migrações do Próximo Oriente para estas regiões hespéricas, havendo também indícios sugestivos de que igual antiguidade se verificou nas migrações de povos hespéricos em sentido contrário; mas isso não interessa para a questão que aqui estou a apreciar.

A tradição de uma antiga viagem empreendida por comunidades cananeias, numa nau construída em Argos e que partiu de Iolcos a caminho do Mar Negro, subindo daí pelo Danúbio até aos Alpes, para regressar, pelo Reno e pelo Atlântico (ou pelo Ródano), e ao fim de inúmeras peripécias, regressar ao país de partida, foi recolhida por vários escritores da Antiguidade e retomada por Apolónio de Rodes no poema da Argonáutica. Mas, como muito perspicazmente notou Martins Sarmiento já em 1887, os gregos estavam enganados quanto à verdadeira origem dos argonautas, julgando que eles eram gregos, quando tal era impossível à face do que já no seu tempo se conhecia da proto-história grega **(10)**. E o mesmo se pode dizer de um grande número de episódios que constituem o cerne da Mitologia grega. A

maior parte dos personagens dessas lendas -incluindo a dos Argonautas- são epónimos de regiões, «cidades» ou aldeias, montes, rios, fontes, ... de Canaan, e sobretudo da Samaria, cujas populações estavam, no final do século XI, aglutinadas nas anfictionias de Efraim e Manassés (parte cisjordana), onde mais se fizeram sentir as invasões de suseus, cassitas, heteus, arameus, tageus, filisteus, fineus, ...

Os 50 navegantes da nau Argos não são pessoas reais, mas epónimos de clãs ou cidades de Canaan, em número igual ao das 50 «filhas» de Danau e dos 50 «filhos» de Lycaon, e os nomes de alguns são comuns às três listas. O poema ou lenda original teria portanto um significado que transcendia o da mera descrição de uma viagem, e poderia ser um roteiro inserido numa narração alegórica de que participaram muitas comunidades de Canaan.

Essa viagem é situada num tempo anterior ao da chegada dos heteus a Canaan (antes portanto de 1350 a.C.) -pois a motivação de Augias para participar na empresa era ir conhecer o seu «irmão» (em religião) Eetes, que, como ele, era adorador do Sol (Hely). Ela terá ocorrido, por outro lado, depois do estabelecimento dos heleus de Josué em Efrain, talvez após a sua expulsão do Egipto no século XVI. Poderá estar relacionada ainda com catástrofes ecológicas resultantes da erupção vulcânica da ilha de Tera (a Norte de Creta) -ocorrida cerca de 1450 a.C.- e ter precedido a vaga de imigrações referida no capítulo anterior, se é que não se refere a ela, de forma alegórica. Não se afastará muito, portanto, do início da cultura do bronze médio na Península Ibérica.

O equívoco em que os gregos caíram terá resultado da existência, na Grécia, de uma profusão de topónimos mencionados nas lendas que desde a sua imigração vinham sendo transmitidas oralmente de geração a geração, e que eram tecidas em torno de heróis que aí eram evocados em altares e templos de maior ou menor nomeada. Acrescia que a maior parte dos mitos relativos àquelas figuras heroicas foram certamente elaborados ou desenvolvidos na Grécia, e foi aí que elas foram entronizadas e divinizadas. Tudo isso assentaria, porém, num abstracto de memórias tradicionais que tinham sido trazidas de Canaan, de lugares homónimos de muitos dos que na Grécia foram sendo associados a tais lendas à medida que se ia perdendo a memória dos seus homónimos cananeus.

A explicação que se pode imaginar para um extenso paralelismo toponímico entre os dois países, é o povoamento da Grécia por uma ou várias vagas de refugiados cananeus, oriundos principalmente da Samaria (á qual se reporta a maior parte daquelas lendas), que para aí hajam transportado - como para a Itália e Hispânia- muito da toponímia e das tradições da pátria de que tiveram de fugir. Aliás os gregos tinham consciência de que os seus antepassados eram imigrantes ou invasores jónios, eólios, helenos, dórios, etólios, ..., mas terão perdido a memória da proveniência desses imigrantes

ou refugiados, ou não nos deixaram testemunho dela; e parece que ainda hoje os compêndios escolares continuam a dà-los como originários do centro ou norte da Europa.

Aconteceu também, que as sucessivas invasões e destruições que a Samaria sofreu -com frequente substituição de populações- deu lugar a uma ciclica substituição de topónimos como a atrás referida de Troia, que antes se chamara Dardania e depois se chamou Hélice; Arbelo que mudou para Hebron, Gebuz (terra da Cabra) para Jerusalém, Luz para Betel, Sefer para Debir, e muitas outras.

Os antigos topónimos de Canaan que subsistiram, ou que é possível referenciar com segurança, são, porém, suficientes para se concluir que muitas das inúmeras lendas levadas por emigrantes ou refugiados cananeus para a Grécia (como as de Elcana e Lycaon a que atrás me referi) só são entendíveis com a distribuição que as comunidades referidas nessas lendas tinham na paisagem humanizada de Canaan.

Argos, Iolchos, Tebas, Arcádia, Etólia, Tyrinto, Micenas, Páris, Menelau, Agamenon, etc etc. são topónimos, corónimos ou epónimos que foram levados da Samaria para a Grécia num período que se terá prolongado desde o século XVIII até ao XII a.C., pois da Mitologia grega participam epónimos de povos que só chegaram a Canaan no século XIII, como foi o caso dos arameus e de alguns «povos do mar».

Na Bíblia ficou, aliás, confusa memória de um Êxodo que em meu entender, não foi o fenómeno social narrado no Livro com esse nome (pois que descreve uma fuga, e o que ocorreu no sec XVI com os suseus, «filhos de José», foi uma expulsão), mas um autêntico êxodo e que terá ocorrido na Samaria, entre o século XV e o XII, talvez no século XIII depois da chegada dos heteus a Canaan e, porventura, com a conquista aramaica pelos carniceiros filhos de Abraão, ou na sequência das sucessivas incurções de povos do mar, a que se seguiu ainda a chegada dos luvtas nos finais do século XII. Será significativo que as memórias mais antigas da terra de Canaan sejam mais abundantes nas tradições populares da Grécia do que nos textos bíblicos.

A história atribulada da Samaria explica-se, aliás, pelo facto de, a partir do IV milénio a.C ela se ter tornado numa espécie de armadilha ou «fojo» situado entre as zonas de influência e contróle do Egipto de um lado, e dos sucessivos impérios mesopotâmicos do outro. As vagas de invasores que periodicamente acudiam ao Crescente Fértil acabavam por se verem, mais cedo ou mais tarde, empurradas de um e outro lado para esse refúgio traiçoeiro, situado entre a Judeia (na área de influência egípcia) e a Galileia (na área de influência assírio-babilónica); e a única saída que se lhes deparava em caso de ataque daqueles vizinhos, ou de invasores escorraçados por eles, era o Mar Mediterrâneo -dada a presença do deserto a Nascente. A chegada de novos invasores a esse território escasso dava geralmente lugar a

impiedosas carnificinas (bem testemunhadas nos livros da Bíblia) e a sucessivas vagas de emigrantes e refugiados que, empurrados para aquele mar, vieram colonizar as suas ilhas e as penínsulas do Sul da Europa, sobretudo a Grécia, mas também o sul da Itália e os litorais ibéricos, onde a toponímia e muitas tradições assinalam abundantemente a sua presença em inúmeros enclaves territoriais que à data da sua chegada estavam ainda despovoados. No nosso País, podem citar-se como localidades homónimas de outras cananeias referidas nos mais antigos textos bíblicos: Lamas. Canas, Ossa, Troia, Cainia, Açor, Dor, Uz, Ul, Tó, Faru, Arad(a), Molada (>Bolada), Gerez, Ofir, Sever, Coa, Tera, Bessa, Jou ...

As considerações que aqui ficam, embora formuladas em geito de respostas, devem ser vistas como perguntas que um curioso das origens do Povo Português, e da evolução das nossas paisagens, formula aos profissionais da História e a outros curiosos, na ânsia de deparar, ainda vivo, com uma explicação «credível» para o que somos e para o que temos.

#### Alguns textos de referência

- 1 - Xunta de Galícia - Galícia no Tempo; s/l - 1990
- 2 - L. Charpentier - Os Gigantes e o Mistério das Origens; Lisboa - 1973
- 3 - P. Grimal - Dicionário de Mitologia Grega e Romana; Lisboa - s/d
- 4 - J. Melaart - Origenes de la Vida Campesina y Urbana
- 5 - O. V. Ferreira - La Culture du Vase Campaniforme au Portugal; Lisboa - 1966
- 6 - K. Dittmer - Etnologia General; México - 1960
- 7 - A. Moret e G. Davy - Des Clans aux Empires; Paris - 1923
- 8 - Bíblia Sagrada - edição da Sociedade Bíblica; Lisboa - 1982
- 9 - B. Stade - História do Povo de Israel - in História Universal, de G. Oncken
- 10 - K.J. Narr - A la Recherche de la Préhistoire; Paris - 1964
- 11 - Garelli e Nikiprowetzky - O Oriente Próximo Asiático; S. Paulo 1982
- 12 - E. Drioton - L'Egípte Pharaonique; Paris - 1969
- 13 - F. Daumas - Les Dieux de L'Égypte; Paris - 1965
- 14 - M. Sarmiento - Os Argonautas; Porto - 1887